



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE TURISMO  
CURSO DE TURISMO

Bárbara Hellen de Oliveira

**CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DO GRAU DE ATRATIVIDADE DA TRILHA  
ECOLÓGICA DO BAIÃO GRANDE NA COMUNIDADE DE MARACAJAÚ/RN**

Natal  
2012

Bárbara Hellen de Oliveira

CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DO GRAU DE ATRATIVIDADE DA TRILHA  
ECOLOGICA DO BAIÃO GRANDE NA COMUNIDADE DE MARACAJÁ/RN

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
à coordenação do curso de Turismo da  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Clébia Bezerra da Silva, *Msc.*

Natal  
2012

**Bárbara Hellen de Oliveira**

**CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DO GRAU DE ATRATIVIDADE DA TRILHA  
ECOLOGICA DO BAIÃO GRANDE NA COMUNIDADE DE MARACAJAÚ/RN**

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e aprovada em 22 de Junho de 2012.

---

Clébia Bezerra da Silva, Msc – UFRN  
Orientadora

---

Ricardo Farias do Amaral, Dr – UFRN  
Examinador

---

Andrea Virginia Dantas, Msc - UFRN  
Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de registrar aqui meu mais profundo agradecimento, com a certeza de que cumpri com sucesso e em conjunto mais um objetivo de minha vida.

Quero agradecer primeiramente a Deus, pelas oportunidades que me foram dadas na vida, principalmente por ter conhecido pessoas e lugares maravilhosos, mas também por ter vivido fases difíceis, fonte de muito aprendizado.

Não posso deixar de agradecer aos meus pais, irmãos e tios, sem os quais não estaria aqui, e por terem me fornecido condições de me tornar a pessoa que sou hoje.

Á minha querida amiga, irmã, sócia, companheira de todas as horas, Danielle Botelho, por estar ao meu lado, por me entender e me apoiar.

Á minha afilhada e também irmã, Fernanda Darto que nunca se esquece de mim, por mais ocupada que esteja.

Á minha querida amiga Rhavenna Souza, que sempre me escuta, incentiva e aconselha.

Aos meus queridos amigos de curso Ghislaine Dionisio, Adriano Ferreira e Rubênio Moura por tornaram os anos de graduação, mais divertidos e inesquecíveis.

Ao meu amigo Paolo Rossi, que reapareceu em minha vida recentemente, me dando apoio e me incentivo na conclusão deste trabalho.

Á minha orientadora Clébia Bezerra, pela orientação e correções, prezando sempre a qualidade do trabalho.

Ao Laboratório de Estudos Geoambientais, pelo incentivo na escolha do tema e o apoio financeiro para a realização da pesquisa de campo.

Obrigada também aos professores que durante esses anos de graduação me proporcionaram novas ideias, conhecimentos, aprendizados e oportunidades.

A todos que falaram palavras sinceras quando eu mais precisei ouvir. A todos que me ouviram quando eu precisava falar. A todos que me deram um abraço na hora que eu mais precisei. A todos que me alegraram nos momentos de tristeza. A todos que dividiram grandes e bons momentos ao meu lado. A todos que com seu amor e carinho tornaram a minha vida mais feliz. Eu agradeço!

“Da natureza nada se tira a não ser fotos  
nada se deixa a não ser pegadas,  
e nada se leva a não ser recordações”.

Autor desconhecido.

## RESUMO

A comunidade de Maracajaú localizada no município de Maxaranguape/RN tem no turismo, em ambientes recifais, a principal e mais desenvolvida atividade da região, no entanto, Maracajaú possui outros atrativos turísticos que podem ser trabalhados e diminuir a pressão de uso sobre os recifes de corais, por meio da redistribuição de turistas para a área de dunas fixas e moveis. Dessa forma, esta pesquisa se propôs a estudar a trilha ecológica do Baião Grande, localizada na comunidade, tendo como objetivo analisar o seu potencial de atratividade para o desenvolvimento do turismo, de base comunitária. O estudo foi realizado por meio de pesquisa de campo e aplicação de formulário de verificação, desenvolvido com base nas metodologias de hierarquização de atrativos turísticos do Ministério do Turismo e do método indicadores de atratividade de pontos interpretativos- IAPI. Os resultados da pesquisa demonstraram que a referida trilha, é muito atrativa e possui um grande potencial turístico, no entanto antes de se tornar um atrativo conhecido e procurado, da comunidade de Maracajaú, é necessário a sua estruturação, de forma a proporcionar mais conforto aos turistas que venham a visitá-la e a preservar o meio ambiente.

**Palavras-chave:** Ecoturismo. Trilha ecológica. Maracajaú. Meio ambiente.

## **ABSTRACT**

The community of Maracajaú located in the county Maxaranguape/RN has in the tourism, in reef environments, the main and more developed activity of the region, however, Maracajaú has other tourist attractions that can be worked and so minimize possible negative impacts to the coral reefs through the redistribution of tourists to the area of mobile and fixed dunes. Thus, this research aimed to study the ecological trail of Baião Grande, located in the community, aiming to evaluate its potential attractiveness for tourism development, community-based. The study was conducted through field research and application form for verification, developed based on the ranking methodologies of tourist attractions of the Ministerio do Turismo and of the method indicators of attractiveness of interpretative points - IAPI. The survey results showed that this trail is very attractive and has a great tourism potential, but before becoming a known and sought attractive, from Maracajaú community, is necessary its structure in order to provide more comfort to tourists who come to visit it and to preserve the environment.

**Keywords:** Ecotourism. Ecological trail. Maracajaú. Environment.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Vantagens e Desvantagens das Trilhas Guiadas e Auto Guiadas	26
<b>Tabela 2</b> – Indicadores para Avaliação de atratividade de pontos na trilha do Baião Grande	44
<b>Tabela 3</b> – Caracterização da Trilha do Baião Grande	49
<b>Tabela 4</b> – Hierarquização da Trilha do Baião Grande	51
<b>Tabela 5</b> – Pontuação dos indicadores de atratividade	53

## LISTAS DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Classificação das trilhas quanto à forma	25
<b>Figura 2</b> – Drenagem	36
<b>Figura 3</b> – Sobreposição de corpos d'água	37
<b>Figura 4</b> – Degraus e paredes de contenção	37
<b>Figura 5</b> – Imagem por satélite da trilha do Baião Grande	49

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 1</b> – Lagoa do Baião Grande	48
<b>Foto 2</b> – Lagoa Temporária	48

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Princípios Básicos do Ecoturismo	22
<b>Quadro 2</b> – Classificação da intensidade e nível técnico de trilhas ecológicas	27
<b>Quadro 3</b> – Impactos negativos e benefícios do ecoturismo	28
<b>Quadro 4</b> – Desenvolvimento do potencial de um atrativo turístico	42
<b>Quadro 5</b> – Critérios para hierarquização de atrativos	43

## LISTA DE GRÁFICOS

**Gráfico 1** – Valores finais de atratividade

54

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	14
1.1 Problemática	14
1.2 Justificativa	16
1.3 Objetivos	17
1.3.1 Objetivo Geral	17
1.3.2 Objetivos Específicos	17
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	18
2.1 Turismo: de uma Simples Forma de Deslocamento a um Fenômeno de Massas	18
2.2 Ecoturismo	21
2.3 Trilhas Ecológicas	23
2.4 Impactos do Turismo Sobre o Meio Ambiente	27
2.5 Turismo Comunitário	29
2.6 Planejamento Turístico	31
2.7 Produto Turístico	32
2.8 Planejamento de Trilhas Ecológicas	33
<b>3. METODOLOGIA</b>	39
3.1 Caracterização do Estudo	39
3.2 Abrangência da Pesquisa	40
3.3 Instrumento de Coleta de Dados	41
3.4 Análise dos Dados	41
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>	46
4.1 Área de Estudo	46
4.1.1 Município de Maxaranguape	46
4.1.2 Comunidade de Maracajaú	46
4.2 Caracterização da Trilha do Baião Grande	47
4.3 Avaliação do Grau de atratividade da Trilha do Baião Grande	50
4.4 Possíveis Usos da Trilha do Baião Grande	54
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	56
<b>REFERENCIAS</b>	58
APÊNDICES	

Apêndice A – Formulário de Verificação

ANEXOS

Anexo A – Ficha de Campo: Indicadores de Atratividade

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 PROBLEMÁTICA

A atividade turística vem ganhando cada vez mais importância no mundo, considerando a sua forte influência para o desenvolvimento econômico e social dos países. O turismo é atualmente o maior setor econômico no que se refere ao faturamento e número de pessoas empregadas, o qual vem crescendo ano após ano, devido a vários fatores, como por exemplo; globalização, aumento do tempo livre e da necessidade de lazer e crescimento econômico mundial. São milhares de pessoas indo de um lugar para outro do mundo, utilizando-se dos mais variados meios de transportes, ou seja, carro, ônibus, trem, navio e, principalmente, avião. O turismo de aventura, cultural, de negócios e eventos, religioso, gastronômico, de lazer e o ecoturismo são alguns dos segmentos que proporcionam desenvolvimento social e econômico nos mais variados países, dentre eles, estados, cidades e municípios.

O Turismo brasileiro enquanto setor econômico é reconhecido como importante gerador de divisas capaz de gerar oportunidades de trabalho e renda e de contribuir para a redução das desigualdades regionais e sociais em diferentes pontos do nosso território (MINISTERIO DO TURISMO, 2008).

Segundo a Organização Mundial do Turismo - OMT (2011, p.2), com o aquecimento da economia mundial nos últimos anos, verificou-se que o fluxo internacional de turistas vem crescendo significativamente. No mundo, o turismo movimenta em receitas cambiais algo em torno de US\$ 919 bilhões. Ainda segundo a OMT, o fluxo internacional de turistas no mundo chegou a 935 milhões de viagens em 2010. Entre 1999 e 2010, o fluxo internacional de turistas no mundo registrou um crescimento de 49%. A expectativa, segundo a OMT, é de que tal número alcance 1,6 bilhões em 2020.

É notável que não existe praticamente um lugar no mundo, em que não se observe a influência desse fenômeno em maior ou menor intensidade. Esse cenário nos mostra que, ao mesmo tempo em que o turismo pode ser um importante instrumento transformador de economias e sociedades, promovendo a inclusão social, oportunidades de emprego e novos investimentos, também pode gerar

impactos ambientais, sociais e econômicos irreversíveis, visto que utiliza como matéria-prima os recursos naturais e culturais dos destinos turísticos.

O desenvolvimento do turismo em muitas localidades tem causado diversos impactos e provocado grandes diferenças socioeconômicas, principalmente em pequenos municípios, no qual a comunidade é afastada do desenvolvimento e da participação dos recursos e benefícios gerados pela atividade turística. No entanto, as comunidades tem o direito de participar em tomadas de decisões e planejamentos que envolvem o cotidiano e a área em que vivem.

O Ecoturismo e o turismo de base comunitária são segmentos do turismo, que visam à sustentabilidade da atividade turística e podem ser protagonizados por comunidades locais que, se ordenadas e bem estruturadas, representam importantes experiências turísticas, agregando valor aos destinos e gerando emprego e renda (MINISTERIO DO TURISMO, 2008). Aquele consiste em uma forma de aproximação do homem com a natureza, sendo um novo segmento do turismo e ou uma orientação ao turismo, que apresenta características de conservação e educação ambiental e este pode ser definido como, um novo modelo de turismo, no qual os membros de uma determinada comunidade participam, diretamente, das atividades turísticas, o que possibilita aos visitantes a oportunidade de conhecer de perto a cultura e os hábitos da vida de cada morador (DEGRANDI; FIGUEIRO, 2012). Dessa forma, o turismo de base comunitária pode se constituir em uma importante ferramenta para o desenvolvimento sustentável de populações tradicionais.

É inserido nesse contexto que a comunidade de Maracajaú localizada no município de Maxaranguape, no Estado do Rio Grande do Norte, a 70 km da capital Natal, busca a sua sobrevivência econômica, social e cultural através da pesca e do turismo, desenvolvidos principalmente nos recifes de corais de Maracajaú, que atualmente é o principal atrativo turístico da região.

A atividade turística nessa região possui muito potencial, principalmente na Área de Proteção Ambiental dos Recifes de Corais – APARC. Porém o turismo nessa região é desenvolvido até então, por empresas de mergulho e pousadas, logo não insere a comunidade diretamente no desenvolvimento da atividade.

Dessa forma, as trilhas ecológicas de Maracajaú surgem como uma opção para que a população autóctone possa se inserir diretamente na atividade turística, tornando-se responsável pela sua utilização e preservação, e assim, ser a

principal beneficiada com o desenvolvimento do ecoturismo na região. Sendo assim chegou-se a seguinte pergunta problema: a trilha ecológica do Baião Grande possui atratividade para ser desenvolvida como produto turístico, na comunidade de Maracajaú?

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A escolha desse tema se fundamenta na afinidade do pesquisador com a temática e no fato da pesquisa ter o apoio do laboratório de Estudos Geoambientais-LEGEO, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Este, já vem desenvolvendo pesquisas em Maracajaú, desde 2000, no qual criou projetos como: Caminhos de Maracajaú: conservando o meio ambiente em Maracajaú e Maracajaú Ecotrilhas. Esses estão inseridos no Programa Caminhos do Presente, que tem por objetivo promover ações em conjunto com a comunidade, que possibilitem o uso e a conservação dos seus bens naturais.

O tema escolhido é relevante para a comunidade acadêmica, pois não existem muitos estudos voltados para o desenvolvimento das trilhas ecológicas, por meio do turismo comunitário.

Através dos Projetos desenvolvidos, pelo LEGEO em 2010, foi identificado preliminarmente que existe um elevado potencial turístico para o desenvolvimento das trilhas ecológicas em Maracajaú. A identificação, catalogação e verificação do potencial turístico nas trilhas ecológicas em Maracajaú, criarão possibilidades para a inserção produtiva da comunidade no turismo.

As trilhas vão proporcionar à Maracajaú mais um atrativo turístico e, conseqüentemente mais opções de atividades para os turistas que visitarem a região. Como resultado, haverá um maior fluxo de turistas que permanecerão por mais tempo na comunidade, pois terão a opção de fazer outras atividades além do mergulho nos recifes de corais.

É em meio às potencialidades que Maracajaú tem para desenvolver o ecoturismo, o turismo comunitário e diversificar seu produto turístico representado principalmente por suas dunas entremeadas por lagoas de água doce e límpida que surgem as trilhas ecológicas como atrativo turístico potencial. Esta pesquisa pretende analisar a trilha do Baião Grande, localizada na comunidade de Maracajaú,

por meio de um levantamento e análise de dados, em pesquisa de campo e bibliográfica.

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 Objetivo Geral

Analisar o potencial de atratividade da trilha ecológica do Baião Grande, em Maracajaú/ RN, como produto turístico comunitário.

#### 1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Caracterizar a trilha do Baião Grande;
- b) Avaliar o grau de atratividade da trilha como produto turístico;
- c) Indicar os possíveis usos da trilha do Baião Grande.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Turismo: de uma simples forma de deslocamento a um fenômeno de massas

Ao analisar a História do desenvolvimento da Humanidade pode-se verificar que os deslocamentos humanos são constantes dentro da sociedade. Independentemente da motivação, as viagens constituem-se como elementos importantes dentro do contexto social no qual o homem está inserido e em cada período histórico, o fator motivacional da viagem, era diferente.

Conforme Barbosa (2002, p.11) “As viagens sempre acompanharam o ser humano como se fossem um movimento físico de ideias. Elas apareceram na história representando uma das mais remotas atividades humanas.”

Ao se direcionar para um estudo histórico do surgimento do turismo podem-se identificar viagens realizadas pelo homem desde tempos mais remotos, podendo situar-se na antiga Grécia, entre fenícios, na antiga Roma ou até mesmo antes da escrita, há milhões de anos atrás.

De acordo com Barbosa (2002), desde a Antiga Idade da Pedra, a cerca de 2,5 milhões de anos, a humanidade já tinha a necessidade de se deslocar de um lugar para outro, seja em busca de alimento para a sua sobrevivência ou de um lugar seguro para se abrigar.

Os primórdios do turismo teve seu início na Idade Antiga, com a criação da escrita, da roda e da moeda, desenvolvidas pelos Sumérios. Durante a Idade Antiga, o povo Grego foi uma das culturas mais voltadas às viagens e um dos deslocamentos mais conhecidos desta época era para assistir aos jogos olímpicos, que aconteciam a cada quatro anos em homenagem a Zeus, na cidade de Olímpia. Os jogos olímpicos não movimentavam apenas a cidade, mas toda região que na época dessa festividade criavam pontos de alojamento e alimentação para servir os visitantes, desenvolvendo assim, o espírito de hospitalidade.

Barbosa (2002, p. 19), afirma que:

Segundo alguns escritores, turismo significa viagem com o intuito de lazer, de diversão, tendo o prazer como principal motivo. Admitindo-se esse aspecto, a primeira cultura a produzir genuinamente um turismo de massa, no sentido do termo talvez tenha sido o Império Romano, embora o termo “turismo” ainda não fosse utilizado.

Os romanos tiveram um papel fundamental nas viagens, enquanto antecedente remoto do turismo, eles construíram muitas estradas, pontes, e veículos de transporte possibilitando dessa forma, que os cidadãos viajassem. Durante o Império Romano o turismo ganhou ainda mais força, visto que, o povo romano viajava em busca de lazer e descanso, para participar de festejos, assistir ao teatro, a lutas de gladiadores e também frequentava lugares termais, como spas.

A decadência do Império Romano, marcou a entrada de outra era e abalou profundamente as viagens de lazer e turismo na Europa. Durante a Idade Média, ou Idade das Trevas, como também ficou conhecida, as viagens tornaram-se escassas, pois não existiam mais vias de comunicação e os poucos caminhos viáveis eram desconfortáveis e inseguros.

Os primeiros turistas como hoje conhecemos podem ter surgido no século XVI. Com a Reforma Protestante, o advento do Renascentismo, e o final da Idade Média, despertou na sociedade um grande interesse em conhecer o mundo que os cercava, escolas como o humanismo científico enfatizavam a busca do conhecimento imediato. Nessa época surgem também as viagens conhecidas como *Grand tour*, atingindo seu auge no século XVIII, onde os jovens filhos de famílias nobres, com o intuito educacional, deveriam percorrer o mundo, adquirir experiência profissional e se preparar para ser um membro da classe dominante. “O *Grand tour* atingiu seu ápice na metade do século XVIII, tornou-se comum entre a elite britânica, agrupando ao mesmo tempo prazer e instrução, sendo o primeiro exemplo significativo de viagem de lazer em larga escala.” (BARBOSA, 2002, p. 32).

A invenção da máquina a vapor, que resultou no desenvolvimento do primeiro meio de transporte de massa, o trem; as duas Grandes Guerras Mundiais, o desenvolvimento do automóvel, e em seguida, do avião; os avanços nos meios de comunicação e as conquistas trabalhistas afetaram diretamente no desenvolvimento do turismo e na massificação da atividade turística durante o século XX.

A consolidação das viagens de turismo acontece quando Thomas Cook, o primeiro agente de viagens do mundo, organiza o primeiro *tour* de viagem em larga escala, conduzindo quase 500 pessoas. “Cook criou as viagens em grupos, dando os primeiros passos para aquela que seria a primeira e a maior agência de viagens de todos os tempos.”(BARBOSA, 2002, p. 52).

Atualmente o turismo é considerado um fenômeno social, cultural e econômico, que gera renda e empregos, diretos e indiretos, adquirindo um

importante papel perante a sociedade contemporânea, tanto como elemento que envolve lazer quanto como atividade do setor terciário. De acordo com Dias (2008, p. 14).

O turismo ao longo do século XIX, e principalmente do XX, cresceu como fruto da Segunda Revolução Científico-tecnológica (Revolução Industrial) e recebeu no final do século XX formidável impulso da Terceira Revolução (do conhecimento), em que a comunicação e a informação, ao lado de outros processos como o aumento da produtividade humana, provocam como efeito imediato diminuição da jornada de trabalho, e aumento do tempo livre. Esse tempo maior disponível para o lazer – fins de semana, férias, feriados prolongados – incentivou e incentiva enorme contingente de pessoas a incorporar o turismo como uma necessidade vital que influencia a qualidade de vida, e como resultado as viagens internacionais crescem na segunda metade do século XX.

Ainda de acordo com Dias (2008), o turismo atual pode ser caracterizado por dois fenômenos que ocorreram simultaneamente: a globalização e a terceira Revolução Científico-tecnológica. A primeira pode ser entendida como, a interdependência crescente entre os diversos processos econômicos, culturais, sociais e ambientais que ocorrem em todo o planeta. A segunda denomina-se como as mudanças provocadas na sociedade pelas novas descobertas no campo da microeletrônica, biotecnologia e novos materiais.

Nesse século o turismo se tornou uma atividade na qual se engajam milhares de pessoas em todo o mundo, tendo, então, passado a ocupar um lugar de destaque nas relações internacionais. Em cada época da história da humanidade, os homens desenvolveram algum tipo de viagens, de acordo com os seus meios disponíveis, conhecimentos adquiridos e convicções do período. Oliveira (2002, p.36) denomina como turismo:

O conjunto de resultados de caráter econômico, financeiro, político, social e cultural produzidos numa localidade, decorrentes do relacionamento entre visitantes com os locais visitados durante a presença temporária de pessoas que se deslocam de seu local habitual de residência para outros, de forma espontânea e sem fins lucrativos.

A atividade turística também se caracteriza, pelos benefícios que proporciona as localidades visitadas, decorrentes dos gastos dos turistas, que se deslocaram até elas, motivados pela prática do lazer. Segundo Barretto (2003, p.51):

O surgimento do turismo na forma que o conhecemos hoje não foi um fato isolado; o turismo sempre esteve ligado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico. O modo de produção determina quem viaja, e o desenvolvimento tecnológico, como fazê-lo.

## 2.2 Ecoturismo

O ecoturismo é um dos segmentos do turismo voltado para a apreciação da natureza e de seus ecossistemas, que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural de uma determinada localidade, incentivando a sua conservação e a formação de uma consciência ambiental por meio da interpretação do ambiente.

Segundo o Ministério do Turismo (2008), o ecoturismo surge como uma proposta de contemplação e conservação da natureza. A necessidade de conservação do meio ambiente a partir de técnicas sustentáveis atinge a atividade turística e insere uma nova maneira de vivenciar e usufruir as paisagens rurais, as áreas florestadas, as regiões costeiras, entre outros ecossistemas que são vistos como possíveis para um modelo de turismo mais responsável. Digrandi e Figueiro (2012, p.70) complementam esta definição, explicando que:

O ecoturismo não representa apenas uma atividade que uni turismo e natureza, mas deve refletir, também, alguns princípios do desenvolvimento sustentável, incluindo aspectos socioculturais centrados, particularmente no resgate e valorização das culturas locais onde é desenvolvido. Neste sentido, o ecoturismo deve estar essencialmente vinculado à educação ambiental, permitindo ao visitante a interpretação da riqueza natural e cultural da região visitada.

O ecoturismo pressupõe a utilização de forma sustentável dos atrativos turísticos naturais, ou seja, um desenvolvimento capaz de atender as necessidades atuais da demanda de visitantes, minimizando os impactos sobre os recursos naturais futuramente. A utilização do patrimônio natural e cultural de forma sustentável representa o desenvolvimento de um turismo ecologicamente suportável a longo prazo, economicamente viável e socialmente justo para as comunidades locais que dele sobrevivem.( Ministério do Turismo, 2008)

É comum, compreender o ecoturismo como um segmento que não apresenta impactos negativos, no entanto, Digrandi e Figueiro (2012, p. 71) afirmam que;

[...] esta forma de turismo também pode apresentar, como qualquer outra atividade econômica, impactos negativos tais como: a fragmentação da cultura local e a condensação da complexidade do lugar visitado, a degradação do patrimônio natural e histórico-cultural, a introdução de espécies exóticas, a interferência na auto percepção e no pensamento comunitário, a instalação de segundas residências (aumentando a disputa por espaço e a especulação imobiliária), entre outros efeitos. A fragilidade dos ecossistemas naturais, muitas vezes não comporta certas atividades, comprometendo e alterando as paisagens, explorando “lugares novos”, que em muitos casos, constituem-se em ecossistemas frágeis. Além disso, toda a cultura da comunidade residente é submetida a certas mudanças pelo “choque” entre as diferentes culturas no processo de visitação.

É importante destacar que o ecoturismo desempenha um importante papel no turismo, promovendo a sensibilização das comunidades locais e principalmente dos turistas, quando a seus comportamentos diante dos recursos naturais. Em virtude do desenvolvimento desse segmento pode-se ressaltar alguns dos seus princípios, que se baseiam em assegurar a sustentabilidade do meio natural e a qualidade de vida das populações locais. O quadro 1 a seguir, apresenta alguns desses princípios básicos do ecoturismo.

<b>PRINCÍPIOS DO ECOTURISMO</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO</b>
Estimular a compreensão dos impactos do turismo sobre o meio natural, cultural e humano.	A atividade turística deve ser uma fonte de informações ao turista e desenvolver programas de educação visando a sensibilização para a conservação dos recursos naturais e culturais de uma localidade.
Assegurar uma distribuição justa dos benefícios e custos.	O ecoturismo possibilita a diversificação econômica de uma destinação e é visto como uma fonte propulsora de desenvolvimento principalmente quando praticado em áreas rurais.
Gerar emprego local, tanto diretamente no setor de turismo como em diversos setores da administração de apoio e de recursos.	O ecoturismo desenvolvido no espaço rural é visto como uma fonte geradora de empregos para a comunidade, trazendo benefícios para os pequenos proprietários rurais, agregando valor aos seus produtos manufaturados na propriedade, evitando também o êxodo rural
Diversificar a economia local, particularmente nas áreas rurais, onde o emprego agrícola pode ser esporádico ou insuficiente.	A prática do ecoturismo no espaço rural tem como finalidade complementar às atividades realizadas no dia-a-dia das propriedades rurais, possibilitando para os produtores uma segunda fonte de renda.
Criar instalações recreativas que podem ser	Com o advento do ecoturismo no espaço rural, há

*Continua na próxima página*

usadas pelas comunidades locais, pelos visitantes domésticos e internacionais.	uma necessidade de criar equipamentos e instalações de lazer diferenciado para que visitantes e principalmente a comunidade possam usufruir.
--	--

Quadro 1 – **Princípios Básicos do Ecoturismo**. Fonte: Ferretti, 2002, p. 120.

No ecoturismo, uma prática muito frequente são as trilhas ecológicas, que surgem como um novo atrativo turístico, que atrai amantes da natureza em diversos locais. As trilhas aproximam o homem da natureza e busca conscientizar sobre a importância da preservação dos recursos naturais.

### 2.3 Trilhas Ecológicas

No ecoturismo, as trilhas ecológicas, são uma das práticas mais frequentes que surgem como um novo atrativo turístico. As trilhas aproximam o homem da natureza e busca conscientiza-lo sobre a importância da preservação do meio ambiente.

A principal função das trilhas sempre foi a de suprir a necessidade de deslocamento do ser humano, fosse a busca de alimento e água, ou para fugir das mudanças climáticas. No entanto, com o passar do tempo, ocorreram alterações de valores com relação às trilhas, que passaram de um simples meio de deslocamento para um novo meio de contato com a natureza. (ANDRADE, 2003)

De acordo com Boçon (2002, apud MARGANHOTTO, SANTOS E MIARA, 2009, p. 146): “Trilha é uma palavra decorrente do latim *‘tribulum’* que tem na sua origem o significado de caminho, rumo e direção.” Provavelmente as mais antigas trilhas, surgiram dos movimentos migratórios de grandes mamíferos, que precisavam abrir novos caminhos para buscar alimento e fugir do rigoroso inverno. Já os seres humanos começaram a estabelecer as trilhas para vários fins, como: a procura de alimentos e água, peregrinações religiosas, viagens comerciais, ações militares, entre outras (ANDRADE, 2003).

De acordo com Salvati (2003, apud DOUT, 2006, p.14) as trilhas são caminhos naturais estreitos, já existentes ou criados pelo homem, que podem ser de diferentes formas, comprimentos e larguras. Essas são destinadas principalmente ao transido de pessoas e têm por finalidade a aproximação do visitante/turista com a natureza ou sua condução a um atrativo turístico específico, possibilitando ao

visitante entretenimento ou educação, por meio de sinalizações ou de recursos interpretativos.

As trilhas interpretativas podem ser entendidas como um percurso no qual, se busca a compreensão das características naturais e culturais da paisagem. Elas se diferenciam de outras trilhas (caminhadas e excursões), pois se trata de uma trilha voltada para educação e aprendizado, que exige um roteiro turístico bem planejado, das atividades que serão desenvolvidas e dos produtos turísticos visitados, visto que no decorrer da trilha são necessários se fazer paradas em pontos estratégicos para a interpretação do ambiente.

Andrade (2005, apud DOUT, 2006, p.15), destaca que as trilhas podem ser classificadas quanto à função, a forma o grau de dificuldade e a declividade do terreno. Quanto à função as trilhas são geralmente utilizadas de duas maneiras, em serviços administrativos, por guardas e vigias em atividades de patrulhamento, fiscalização e deslocamento em áreas afins ou pelo público visitante, em atividades educativas e ou recreativas, caracterizando a atividade turística. Nestes casos podem ser divididas em trilhas de curta distância (chamadas de “trilhas interpretativas” ou “*nature trails*”): que apresentam caráter recreativo e educativo, geralmente realizadas por turistas, com programação desenvolvida para interpretação do ambiente natural, trilhas com uma pequena duração, ou de longa distância (“*Wilderness Trails*”): que apresentam caráter recreativo, no entanto se caracterizam como uma trilha de longa duração, selvagem e que valoriza a experiência do visitante, geralmente como viagens de travessia por uma região.

De acordo com Andrade (2003), as trilhas podem ser classificadas, segundo a sua forma, tais como:

- A TRILHA CIRCULAR: permite que o visitante faça o percurso sem passar por outros visitantes, pois oferece a possibilidade de voltar ao ponto de partida sem repetir o percurso. Esta forma de trilha, não é repetitiva e permite ao turista a possibilidade de sempre ter um caminho novo, tanto na ida quanto na volta.
- A TRILHA EM OITO: é muito eficiente em lugares limitados, pois aumenta a possibilidade de uso destes espaços. Ela sempre apresentará um ponto comum, por onde os turistas vão passar tanto na ida quanto na volta, porém apresentaram percursos diferentes na saída e no retorno do percurso.

- A TRILHA EM ATALHO: tem início e fim em diferentes pontos de uma trilha ou caminho principal. No entanto, apesar do nome, o objetivo deste tipo de trilha é mostrar uma área alternativa à trilha ou o caminho principal.
- A TRILHA LINEAR: apresenta o formato mais simples e comum de trilhas. Geralmente seu objetivo é conectar o caminho principal, quando já não é o próprio, a algum destino como lagos, clareiras, cavernas, picos, etc. Apresenta as desvantagens do caminho de volta ser igual ao de ida, e a possibilidade de cruzar com outros visitantes. Essas formas de trilhas podem ser visualizadas por meio da figura 1.

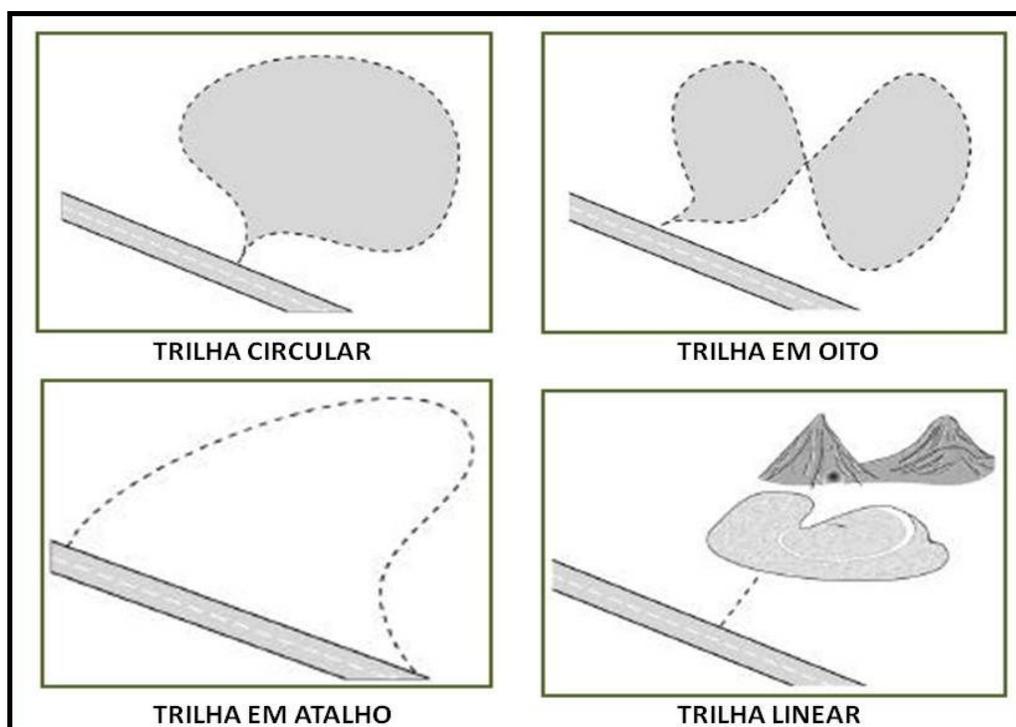


Figura 1 - **Classificação das trilhas quanto à forma.** Fonte: Andrade W. 2003, p. 248-249.

Ainda segundo Andrade (2003), no que se refere à tipologia, as trilhas podem ser de dois tipos distintos: guiadas ou autoguiadas. As trilhas guiadas são aquelas orientadas por um guia de turismo, que conduz o visitante pela trilha, seguindo um roteiro já pré-estabelecido, com locais de parada estratégicos; já as auto-guiadas não possuem a presença de um guia de turismo, neste tipo de trilha o visitante entra em contato com a natureza sem roteiro e sem auxílio profissional, os visitantes contam apenas com placas e folhetos informativos para se locomoverem. A tabela 1 mostra as vantagens e desvantagens apresentadas por cada tipo de trilha.

<b>TRILHAS GUIADAS</b>	
<b>VANTAGENS</b>	<b>DESVANTAGENS</b>
Trilhas personalizadas com roteiro estabelecido;	Atende a pequenos grupos;
Apresenta guia de turismo;	Sua efetividade depende do guia de turismo
Apresenta percursos programados;	Precisam ser agendadas;
Possibilitam a comunicação entre visitante e guia (interprete), proporcionando maior transmissão de conhecimento;	Possuem médio ou alto custo em longo prazo;
Pode ser adaptada a diferentes públicos	Requer treinamento e contratação de guia de turismo;
<b>TRILHAS AUTO – GUIADAS</b>	
<b>VANTAGENS</b>	<b>DESVANTAGENS</b>
São auto-explicativas;	Não tiram duvidas;
Estão sempre disponíveis;	Estão sujeitas a vandalismos;
Atendem grande número de visitantes	Não apresenta roteiro
Percurso livre sem tempo determinado;	Apresenta maior probabilidade do visitante se perder;

Tabela 01: **Vantagens e desvantagens das trilhas guiadas e auto-guiadas.** Fonte: Elaboração própria, com base em Dout, 2006, p.29

Segundo Andrade (2005), citado por Dout (2006), o grau de dificuldade em trilhas ecológicas, é algo bem subjetivo, pois independentemente da presença de obstáculos naturais, o grau de dificuldade de cada trilha vai variar basicamente de acordo com o condicionamento físico de cada pessoa e com o peso da eventual bagagem que esta vai carregar.

A forma de classificação do grau de dificuldade de uma trilha vai variar de acordo com quem o desenvolve, no entanto todos se baseiam na combinação de letras e números e são diferentes para trilhas guiadas e auto-guiadas. Ainda de acordo com Andrade (2005 apud Dout 2006), em trilhas guiadas utiliza-se a combinação de letras para definição do nível técnico (variando de A até E) e uma sequencia numérica para a definição da intensidade, (variando de 1 até 3), sendo que não é necessariamente sempre nessa ordem. Nos Estados Unidos o nível de dificuldade das trilhas varia de acordo com a área natural, assim como para cada tipo de atividade. No quadro 2 é apresentado um exemplo de classificação da intensidade e nível técnico das trilhas.

QUANTO A INTENSIDADE	QUANTO AO NÍVEL TÉCNICO
A – Leve B – Regular C – Semi-Pesada	1 – Fácil 2 – Com Obstáculos Naturais 2 – Exige Habilidade Específica

Quadro 2 - **Classificação da intensidade e nível técnico de trilhas ecológicas.** Fonte: Adaptado de Andrade, 2003, p. 249.

## 2.4 Impactos do turismo sobre o meio ambiente

Segundo Ruschmann (1997), os impactos provocados pelo turismo ocorrem devido a uma sequência de eventos que são provocados pelo processo de desenvolvimento turístico nas localidades receptoras. As mudanças que provocam os impactos apresentam natureza, intensidade, direções e magnitude diferentes, no entanto, os resultados se integram e são geralmente irreversíveis quando ocorrem no meio ambiente. Ruschmann (1997, p. 34) ainda explica que:

O rápido crescimento do turismo a partir dos anos 50 resultou na degradação ambiental de inúmeros recursos turísticos em todo o mundo. Os indicadores apontam um crescimento contínuo da atividade, de cerca de 4% a 5% ao ano, e, conseqüentemente, os impactos sobre o meio ambiente também se intensificam. Esse risco, reconhecido atualmente pela maioria dos governos dos países receptores de turistas, faz com que se tomem iniciativas que proporcionem tanto uma evolução dos aspectos favoráveis do turismo como a proteção ambiental.

De acordo com Dout (2006), impacto ambiental é um tipo de modificação, física, química e biológica, causada no meio ambiente, em virtude das atividades humanas, que direta ou indiretamente, afetam a população, os ecossistemas, a qualidade dos recursos naturais, e a estética do meio ambiente.

Os impactos decorrentes do ecoturismo no meio ambiente são muitos, podendo ser negativos e positivos, de caráter social, cultural, econômico e físico. De acordo com Dout (2006), os impactos que poderão advir negativamente do ecoturismo, inicialmente estão relacionados a danos ao meio ambiente e a comunidade e aqueles que surgem paralelamente de forma positiva são benefícios socioeconômicos e ambientais. Ruschmann (1997 p.37), afirma que:

Os impactos do desenvolvimento turístico sobre o patrimônio natural e cultural são percebidos local, regional, nacional e internacionalmente. A intensidade dos impactos, tanto positivos como negativos, Pode apresentar-se nesses diferentes níveis. Em alguns casos, os impactos não são

relevantes e, em outros, comprometem as condições de vida ou a atratividade das localidades turísticas.

A visitação em trilhas ecológicas provoca muitos impactos que por vezes podem tornar-se irreversíveis, tais como a alteração e destruição de habitats naturais da flora e fauna, fuga de espécies nativas de animais, compactação do solo em virtude dos pisoteios provocados pelos visitantes, redução da regeneração natural de espécies vegetais e muitos outros. São vários os tipos de impactos causados pelo uso de trilhas, no entanto, os que afetam mais diretamente o meio ambiente são os impactos sobre o solo, a vegetação a fauna e os problemas antrópicos. O quadro 3 apresenta os principais impactos negativos e os benefícios decorrentes do ecoturismo. Por meio dele, pode-se constatar que nem todas as intervenções do turismo são necessariamente uma agressão ao meio ambiente.

<b>IMPACTOS SOCIOCULTURAIS</b>	<b>BENEFÍCIOS SOCIOCULTURAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Perda de valores culturais;</li> <li>▪ Conflitos entre usuários da comunidade e visitantes;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Investimentos na infraestrutura viária, de abastecimento, equipamentos médicos e sanitários;</li> <li>▪ Estímulo ao artesanato local e às manifestações culturais tradicionais;</li> </ul>
<b>IMPACTOS ECONÔMICOS</b>	<b>BENEFÍCIOS SOCIOECONÔMICOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sobrevalorização de terras e imóveis;</li> <li>▪ Aumento do custo de vida;</li> <li>▪ Pressões para a super-exploração de áreas turísticas;</li> <li>▪ Concentração e perda de renda;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Geração de emprego;</li> <li>▪ Melhor distribuição de renda;</li> </ul>
<b>IMPACTOS SOBRE O MEIO FÍSICO</b>	<b>BENEFÍCIOS SOBRE O MEIO FÍSICO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Descaracterização da paisagem;</li> <li>▪ Poluição da água, do solo, sonora e do ar;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Manutenção da paisagem;</li> <li>▪ Controle da população;</li> </ul>
<b>IMPACTOS SOBRE A VIDA SILVESTRE</b>	<b>BENEFÍCIOS SOBRE A VIDA SILVESTRE</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Alteração na reprodução, comportamento e hábitos alimentares da biota;</li> <li>▪ Coleta e comércio ilegal de espécies silvestres;</li> <li>▪ Estradas inadequadas;</li> <li>▪ Meios de transporte poluentes;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Auxílio na conservação de áreas naturais;</li> <li>▪ Conservação sobre o equilíbrio do meio ambiente;</li> </ul>

Quadro 3 – Impactos negativos e benefícios do ecoturismo. Fonte: Dout, 2006, p. 35.

A preservação do meio ambiente depende de uma gestão pública eficaz, que invista no planejamento turístico, para obter o máximo de benefícios do desenvolvimento da atividade turística, causando o mínimo de impactos possíveis.

## **2.5 Turismo Comunitário**

O turismo comunitário é aquele em que a comunidade receptora atua como ator principal do desenvolvimento, no qual toda a renda e o lucro gerados com a atividade turística permanecem na própria comunidade, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e gerando emprego para a população local. O turismo de base comunitária se apresenta como uma alternativa ao turismo convencional e pressupõe o desenvolvimento de atividades baseadas nos princípios do planejamento participativo e contínuo. É uma importante oportunidade de atividade integrada à valorização de práticas sustentáveis de uso dos recursos naturais (SANTA E YAMAOKA, 2004). Trata-se de uma alternativa de organização singular para alguns roteiros e ou regiões de compatibilizar a oferta de produtos e serviços turísticos diferenciados, com a promoção de melhorias na qualidade de vida das comunidades locais.

O planejamento aplicado ao turismo de base comunitária deve estar voltado a alguns objetivos como: Orientação de uma nova atividade econômica visando o desenvolvimento local; Definição da vocação turística; Ordenamento da utilização do território e da instalação de equipamentos e infra-estrutura; Valorização cultural e manutenção da biodiversidade; Estabelecimento de regulamentação para a atividade, com legislação específica que considere os diversos agentes envolvidos (comunidade, poder público, iniciativa privada, unidades de conservação, etc); Diversificação da economia local e incentivo ao resgate das atividades tradicionais (agricultura, artesanato, pesca, etc.) ou desenvolvimento de novas atividades; Desenvolvimento de produtos, identificação de mercados e criação de um plano de marketing local e integrado; Qualificação da mão de obra local, fomento à criação de pequenos negócios e incentivo à diversificação das opções de atividades de lazer, visando um turismo qualitativo, e não de massa; Melhor distribuição do lucro proveniente da atividade turística; Descentralização do poder e criação de mecanismos para atuar no controle sobre a especulação e exploração inadequada da atividade realizada por agentes externos; Criação, fortalecimento e organização

de associações de base; Revitalização e melhor aproveitamento de espaços físicos existentes, antes da construção de novos espaços; Promover a satisfação dos visitantes e sensibilização sobre questões ambientais e sociais e; Criar indicadores que permitam o acompanhamento do processo de desenvolvimento do turismo e seu planejamento a curto, médio e longo prazo.

Segundo Moraes (2005), o turismo comunitário tem por objetivo contribuir para um modelo mais justo do turismo, que se preocupe com a sustentabilidade ambiental, colocando a população autóctone no controle do planejamento, na implementação e no monitoramento das atividades turísticas e assim permitir a geração de emprego e renda para a comunidade.

Em alguns casos, os recursos turísticos naturais estão situados em pequenas comunidades litorâneas, aonde surge o turismo de base comunitária, como alternativa para a geração de emprego e renda para essa população, que possui poucos recursos financeiros para os investimentos e medidas de manutenção com os atrativos do local. Dessa forma, o turismo comunitário se traduz na capacidade da população local possuir o controle efetivo sobre seu desenvolvimento, sendo diretamente responsável pelo planejamento das atividades e pela gestão das infraestruturas e dos serviços turísticos.

No Brasil, muitas comunidades fazem parte dessa Rede de Turismo Comunitário, destacando-se entre estes sujeitos sociais alguns movimentos sociais, comunidades, organizadores de viagens, operadores de comércio justo, de economias solidárias, organizações ambientais e ONGs, todos empenhados nesta tarefa de encontrar outros caminhos para o desenvolvimento. Como exemplos temos Pedras Negras no Vale do Guaporé (em Rondônia), Mamirauá e Silves no Amazonas, Ilha de Cotijuba, em Belém, Diogo Lopes, no Rio Grande do Norte, e as comunidades de Ponta Grossa, Tremembé, Tatajuba, Balbino, Batoque, Coqueirinho, Conjunto Palmeiras, Nova Olinda, Barra das Moitas, Caetanos de Cima, Curral Velho, Prainha do Canto Verde, no Ceará (COREOLANO, 2009). Utilizando como exemplo a Prainha do Canto Verde, pode-se dizer que esta tem sido divulgada internacionalmente como um caso de sucesso no desenvolvimento do turismo comunitário. Segundo Mendonça e Irving (2004, p.18), “na contramão da história e desafiando as regras de uma sociedade regida, prioritariamente, pelo sistema de interesse, essa comunidade pesqueira apresenta tradição em participação e organização”.

A realidade vivida pela comunidade de Prainha do Canto Verde é marcado por uma luta diária por sobrevivência, tal fato poderia representar um fator desfavorável a participação da população local no processo de tomada de decisões, porém a comunidade, consciente de seus direitos, luta diariamente pela posse da terra. O modelo de desenvolvimento turístico, apresentado pela Prainha do Canto Verde, se constitui em um diferencial de peso na escolha do destino para uma parcela significativa de turistas.

Ainda de acordo Mendonça e Irving (2004, p.18), atualmente, a comunidade vem desenvolvendo um modelo de turismo, no qual busca o seu próprio benefício, o que não permite a especulação imobiliária por agentes externos, onde todos os serviços turísticos e comerciais são de propriedade e administrados pelos nativos, que gera renda complementar para muitos habitantes locais. Este modelo turístico é responsável por um fluxo de turistas representado, em sua grande parte, por estudiosos e pesquisadores, atraídos pela história de organização da comunidade e pelo modelo inovador de turismo que está sendo implantado.

O turismo comunitário é um conceito que surgiu em meio às críticas e denúncias feitas por comunidades receptoras, organizações não-governamentais, cientistas e movimentos sociais acerca dos impactos do turismo convencional que, a cada dia, tomam dimensões maiores e transforma tudo em mercadoria. Segundo Moraes (2005), o turismo comunitário surgiu em reservas ecológicas, e em outros pólos abrindo novas oportunidades de emprego e renda para pequenas comunidades.

## **2.6 Planejamento Turístico**

O planejamento é um importante instrumento de ação dos governos em todos os níveis, para promover o desenvolvimento econômico, em bases sustentáveis. Esse assumiu uma maior relevância no desenvolvimento turístico à medida que os governos passaram a reconhecer não apenas que o setor gera um largo espectro de impactos, mas também que pode ter importante papel no crescimento e revitalização social e cultural por parte da comunidade hospedeira em relação ao turismo no longo prazo. Dessa forma, o processo de planejamento diz respeito à garantia de desenvolvimento turístico sustentável que respeite as

populações locais, gere os empregos adequados, mantenha o bom ambiente natural e proporcione uma experiência de qualidade aos visitantes.

Planejar a atividade turística visa estruturar um destino ou atrativo para atender as expectativas dos turistas e gerar emprego e renda as localidades que o oferecem. Este deve maximizar os benefícios socioeconômicos e minimizar os custos, visando sempre o bem estar da comunidade receptora e a rentabilidade dos empreendimentos do setor e deve abranger não apenas um recurso, mas sim todo o seu entorno. Nesse sentido, é preciso contar com o apoio de todos os atores envolvidos no processo de planejamento, para formular um plano de desenvolvimento turístico pertinente à realidade do local.

Os chamados atores do planejamento são: os moradores do destino anfitrião; os grupos de defesa ambiental; as empresas relacionadas ao turismo e empresas não relacionadas ao setor; os políticos e outros representantes eleitos; os grandes interesses empresariais e grupos lobistas; os sindicatos e outros representantes de trabalhadores; funcionários do governo envolvidos com regulamentação e desenvolvimento turísticos. Cada um desses atores traz um conjunto particular de necessidades, conhecimentos e perspectivas para a tomada de decisões. Sua participação em um estágio inicial do processo é importante para gerar apoio e criar compromisso, reduzindo assim as chances de resistências posteriores por parte de um ator que não tenha sido incluído.

Apenas por meio do planejamento é que se torna possível minimizar impactos potencialmente negativos, maximizar retornos econômicos nos destinos e, dessa forma, estimular uma resposta mais positiva por parte da população local.

## **2.7 Produto Turístico**

O turismo é uma atividade econômica que mobiliza diversos setores produtivos de bens e serviços. Trata-se de uma atividade intangível, que apresenta diversificadas ofertas. Dessa forma, ao se analisar o setor turístico é necessário levar em consideração o conceito de produto turístico.

Um produto é qualquer coisa que possa ser oferecida a um mercado para satisfazer uma necessidade ou desejo, por isso o conceito de produto não pode ser limitado a objetos físicos, visto que qualquer coisa que for capaz de satisfazer uma necessidade pode ser considerado um produto. Além de bens e serviços, os

produtos podem incluir pessoas, lugares, organizações, atividades e idéias, o que caracteriza o produto que é vendido pelo turismo.

Segundo Cardozo (2006), o produto turístico pode ser entendido como um conjunto de atrativos, de acesso, de bens e serviços turísticos, disponíveis ou oferecidos ao turista de forma organizada. Este se caracteriza por ser um produto, imaterial do qual não é possível se fazer estoque, dinâmico e instável pelas necessidades do consumidor, produzido quando apresentam uma demanda, e que faz o consumidor se deslocar até o local de seu consumo.

De acordo com Barbosa (2009), o produto turístico apresenta três dimensões fundamentais, que são: Recursos Turísticos, (naturais e socioculturais expressos no patrimônio do homem), Infraestruturas (transporte, comunicações, e facilidades de acesso) e Serviços (agências de viagens, companhias aéreas, hotelaria, restaurantes, entre outros). Os produtos que são vendidos no mercado do turismo se caracterizam por uma série de elementos, sendo que uns complementam e completam os outros; tais como, cultura, atrativos naturais, gastronomia, hotelaria, passeios, artesanato, entre outros.

Em suma, o produto turístico é uma das razões de ser do mercado turístico, que compõe a oferta e atende à demanda. Dessa forma, pode-se definir o produto turístico como os bens e serviços prestados e passíveis de comercialização e fruição, englobando as atrações turísticas, os serviços de hospedagem, alimentação, transporte, guias e outros serviços encontrados nas localidades turísticas.

## **2.8 Planejamento de trilhas ecológicas**

Segundo Silva e Santos (2004), o planejamento ambiental é um processo contínuo que envolve coleta, organização e análise das informações, por meio de procedimentos e métodos, para se chegar a decisões ou escolhas acerca das melhores alternativas para o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis em função de suas potencialidades, e com a finalidade de atingir metas específicas no futuro, tanto em relação a recursos naturais quanto à sociedade. O planejamento ambiental busca a preservação do ambiente por meio de adequação de uso, controle e proteção do meio natural, por isso deve ter como base uma visão integrada do ambiente, considerando que é um sistema aberto, dinâmico e sujeito a

trocas contínuas de matéria e energia, evidenciando assim a necessidade de rever certos princípios colocados em prática no processo de planejamento de trilhas.

Um dos objetivos das trilhas em áreas naturais é suprir as necessidades recreativas de forma a manter o ambiente estável e permitir ao visitante segurança. As trilhas devem encorajar o visitante a interagir com o meio natural e dessa forma o planejador de trilhas deve despertar a curiosidade do visitante sobre os recursos naturais e culturais existentes. Por isso, é tão importante a interferência do planejamento na estruturação das trilhas ecológicas de forma a minimizar os impactos negativos e promover um uso consciente e sustentável da área.

Conforme Simiqueli *apud* Piccatiello (2007), os estudos sobre planejamento de trilhas surgem para auxiliar os gestores na administração, controle e limitação de uso dos recursos naturais, assim como para garantir a qualidade da visitação e a integridade do meio ambiente. A utilização desta perspectiva é importante para implantação de novas trilhas e para o monitoramento das já existentes. No entanto, o planejamento de trilhas é um trabalho interdisciplinar, que exige a atuação de vários especialistas, que precisam desempenhar um importante papel no planejamento de trilhas, junto aos gestores públicos.

De acordo com Wallace *apud* Piccatiello (2007), o sistema de trilhas é um dos elementos-chave na administração de visitantes em áreas naturais; as informações geradas através desses estudos direcionam para a estruturação de um planejamento ambiental que vise à inserção do homem no ambiente natural, com impactos negativos mínimos. Assim trilhas ecológicas devem ter como objetivo: transmitir informações precisas da natureza; ser estruturadas de forma simples e compatíveis com o meio natural; proporcionar a interação do homem com a natureza através de uma experiência única; respeitar as comunidades e os processos naturais e provocar o mínimo de alterações possíveis no meio ambiente. Para tanto, é indispensável o planejamento e manejo coerente das trilhas, para atingir tais objetivos e potencializar os seus benefícios.

De acordo com Rathke e Baughman (1997, *apud* DOUT 2006, p.42), deve-se seguir os seguintes passos para o planejamento de trilhas ecológicas. São eles:

**1º DECIDIR O PROPOSITO DA TRILHA:** Antes de iniciar qualquer projeto é necessário saber sobre o que é o projeto. Com o planejamento de trilhas não

poderia ser diferente, pois antes de pensar em qualquer alteração em uma trilha é fundamental conhecê-la e saber para que ela vai servir. Existem vários tipos de trilhas; as guiadas e auto-guiadas, as com finalidades administrativas, recreativas, interpretativas, educativas, as de longa e pequena duração, as voltadas para crianças, jovens e adultos, as que levam a um atrativo específico, as de fácil e difícil acesso, e muitas outras. No entanto, cada trilha deve ser planejada de acordo com o propósito a que se destina e ser desenhada, construída e mantida segundo as suas necessidades, que se relacionam com o seu objetivo recreacional, seus níveis de dificuldade, seu público-alvo, sua demanda e as características do seu terreno. Afinal diferentes atividades recreativas exigem diferentes desenhos de trilhas.

**2º INVENTARIAR A ÁREA DA TRILHA:** Nessa fase deve-se fazer um inventário turístico da área da referida trilha, ou seja, colher o máximo de informações possíveis sobre a área, através da aplicação de questionários ou chek-list, utilização de *Global Positioning System* - GPS, registros fotográficos, mapas, entre outros, verificando todas as características da área, para assim desenvolver o projeto para o espaço natural, na qual se vai definir a infraestrutura de suporte que deverá ser construída para atender aos visitantes, tais como: bancos, lanchonetes, lixeiras, banheiros, dormitórios, entre outros e as peculiaridades da trilha. Neste momento também se deve identificar quais são os pontos mais interessantes para a visitaçãõ e as áreas mais frágeis e perigosas que devem ser evitadas.

De acordo com Andrade (2003), o planejamento de trilhas deve levar em consideração fatores como variação climática, em função das estações do ano; informações técnicas (levantamentos, mapas, fotografias, etc.) disponíveis sobre a região; a probabilidade de volume de uso futuro; e as características de drenagem, solo, vegetação, habitat, topografia, uso e exequibilidade do projeto. Características históricas e culturais devem ser pesquisadas e ressaltadas, a fim de otimizar as informações e dar dimensão educacional às trilhas.

**3º DESENHAR A TRILHA:** Uma vez realizado o levantamento da área, de volta ao escritório deve-se elaborar o desenho da trilha, de forma que atenda o público-alvo ao qual se destina e que valorize as belezas naturais e os atrativos turísticos do lugar, analisando a forma da trilha, o nível de dificuldade, o grau de esforço, distância, etc.

**4º TRAÇAR O CORREDOR DA TRILHA:** Com o desenho da trilha já elaborado, deve-se identificar potenciais impactos negativos que poderão afetar o meio ambiente em virtude da construção das trilhas (erosão do solo, fauna e flora frágeis, solo alagado, queda de blocos, etc.) e desenvolver soluções para elas.

De acordo com Andrade (2003), as obras elaboradas para minimizar os impactos negativos sobre o meio ambiente devem ser construções de modo simples e de fácil manutenção que evitem o desgaste precoce da trilha. As madeiras caídas da região são ótimos materiais para serem usados na construção destas obras. Na maioria das vezes, os principais fatores geradores de obras em trilhas são: a drenagem, a sobreposição de corpos d'água e a contenção de erosão, no entanto, outras obras podem ser necessárias para garantir a segurança do visitante, como: passarelas, mirantes, corrimões, escadas, etc.

Com base em Andrade (2003), pode-se definir os principais fatores geradores de obras em trilhas, tais como: compactação, erosão e alagamento do solo. Abaixo são explicadas algumas obras para minimizar os impactos no solo.

- a) DRENAGEM:** A visitação em trilhas tende a agredir o meio ambiente, que em virtude do constante pisoteio nas trilhas, sofre com a compactação e a erosão do solo, alterando os padrões de circulação da água no mesmo, tornando-se necessário a intervenção de algumas obras de reorganização da drenagem, tais como a construção de canais laterais de escoamento, canais que cruzem perpendicularmente ou diagonalmente a trilha (tanto sob ou por baixo da mesma) e valas ou barreiras oblíquas à superfície da trilha para facilitar o escoamento da água. A figura ao lado ilustra canais, valas e barreiras usados para facilitar o escoamento da água.

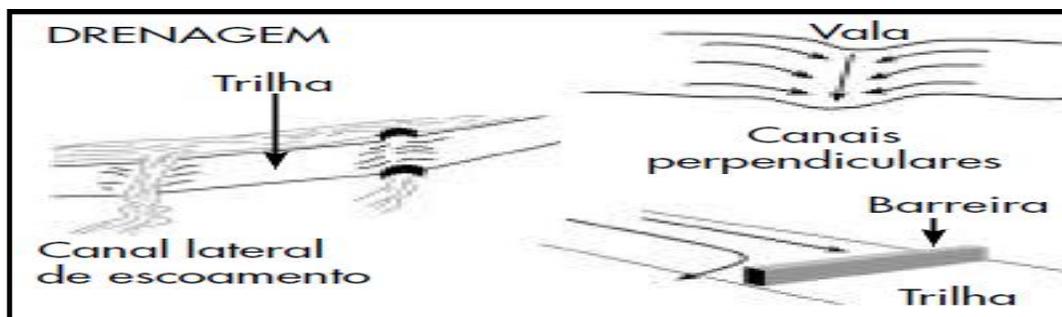


Figura 2 – Drenagem. Fonte: Andrade, 2003, p. 255

**b) SOBREPOSIÇÃO DE CORPOS D' ÁGUA:** faz referência a rios, riachos e locais alagados. Com relação aos rios e riachos, as obras são de construção de pontes e para a ultrapassagem de alagados podem ser usados blocos e pedras dispostos sequencialmente. Outra opção são os tablados de madeira, que permitem uma caminhada segura e fácil, transferindo o impacto que afetaria o solo para a madeira. A figura ao lado ilustra as pedras ou troncos e tablados ou estrados para ultrapassagem de alagados.

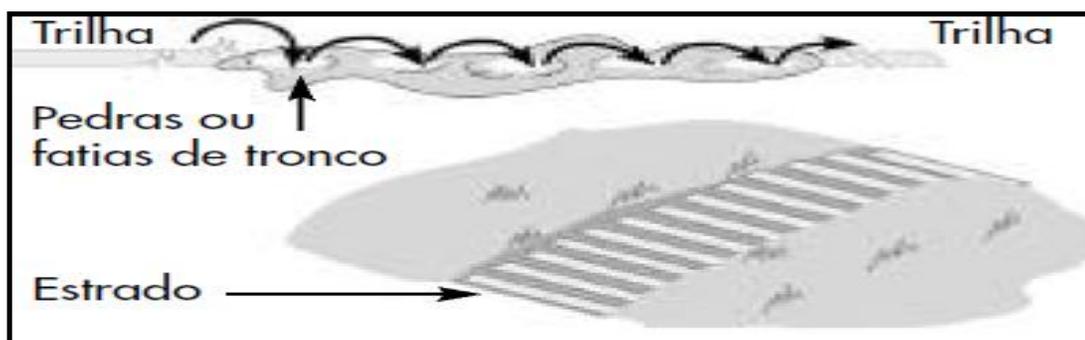


Figura 3 – **Sobreposição de corpos d' água.** Fonte: Andrade W. 2003, p.255

**c) CONTENÇÃO DE EROSÃO:** na contenção da erosão podem ser aplicados dois tipos de obras: degraus e paredes. A construção dos degraus é uma das obras mais difíceis de serem construídas em trilhas, por isso deve ser usada como última opção. Os degraus podem ser feitos com pedras, troncos e pranchas de madeira. Já as paredes são obras mais simples, que previnem tanto a erosão quanto a deposição de materiais trazidos das encostas. Também pode ser feita de pedras, troncos ou com os dois.



Figura 4 - **Degraus e paredes de contenção.** Fonte: Andrade W. 2003, p. 255-256

**5º ABRIR A TRILHA E CONSTRUIR SEU LEITO:** Inicia-se de fato a construção da trilha é neste momento em que se vai aplicar as infraestruturas necessárias para estruturação da trilha e de seus arredores e também se avaliar as trilhas, através da aplicação de metodologias tais como; a capacidade de carga, o limite aceitável de cambio, o monitoramento de impactos de visitação, entre outros.

Tanto quanto possível, as áreas atravessadas pelas trilhas devem apresentar grande diversidade biológica, climática e topográfica. Um dos problemas do desenho de trilhas é a variação de nível, pois as subidas são prejudicadas pela erosão causada pela água. O sistema de drenagem deve assegurar que a água escoe pelas laterais da trilha, evitando que a direção da água seja a mesma da trilha.

**6º MARCAR A TRILHA:** Esta última etapa trata-se dos retoques finais da trilha, como sinalização, marcação de pontos, elaboração de roteiro de percurso, descrição da trilha, etc.

**a) MARCAÇÃO:** A marcação utilizada para demarcar uma trilha, deve ser padronizada e colocada estrategicamente em árvores ou pedras. Deve-se também definir a forma e a cor padrão para cada trilha. É interessante adotar cores primárias para as trilhas principais e secundárias para as trilhas secundárias. A tinta látex é uma boa sugestão para fazer as demarcações. É importante salientar que os troncos de árvores devem ser raspados com escova de aço antes de ser marcada.

**b) PLACAS:** As placas são recursos interpretativos das trilhas que devem ficar dispostas ao longo da mesma e dar informações básicas, como nome da trilha, direção, distância, pontos importantes, origem histórica, etc. Elas podem ser confeccionadas em pedra, metal ou madeira e apresentam dimensões variáveis. Sua instalação deve ser feita em postes

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Caracterização do estudo

“O processo de investigação deve ser adequado ao objetivo da pesquisa. Assim, os processos escolhidos serão diferentes [...]” (DENCKER, 1998, p. 47). Esta pesquisa tem por objetivo geral investigar a trilha do Baião Grande, localizada na comunidade de Maracajaú, para caracterizá-la e avaliar o seu grau de atratividade e por objetivos específicos; a) caracterizar a trilha do Baião Grande; b) avaliar o seu grau de atratividade como produto turístico e; c) indicar os possíveis usos desta trilha. Dessa forma, de acordo com os objetivos, já expostos, este trabalho é exploratório e descritivo simples, visto que, se baseia no levantamento bibliográfico, e na aplicação de formulário.

De acordo com Dencker (1998), a pesquisa exploratória é aquela que procura aprimorar ideias. Ela se caracteriza por um planejamento flexível, que envolve o levantamento bibliográfico, entrevistas e análises de exemplos similares, no qual as formas mais comuns de apresentação são as pesquisas bibliográficas e o estudo de caso. E a pesquisa descritiva é aquela que procura descrever os fenômenos, através de técnicas de coleta de dados como, questionários e a observação sistemática, no qual as formas mais comuns de apresentação é o levantamento de dados, por meio de questionários, que oferece uma descrição da situação no momento da pesquisa.

Para Selltiz (apud Gil 1991) a pesquisa exploratória também é aquela que tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias, dessa forma ele define as pesquisas exploratórias como:

[...] pesquisas que têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: a) levantamento bibliográfico; b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e c) análise de exemplos que estimulem a compreensão. (Selltiz 1967, apud Gil, 1991, p.63).

No tocante à pesquisa descritiva, Gil (1991), diz que elas têm como objetivo principal a descrição das características de uma determinada população ou

fenômeno e que são inúmeras os estudos que podem ser realizados sob este título. A sua principal característica é a utilização de técnicas de padronizadas de coleta de dados, tais como questionários e a observação sistemática. Ainda segundo Gil (1991, p.46), “dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental, etc.”

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, em virtude da necessidade de se adquirir um conhecimento mais profundo sobre a trilha ecológica do Baião Grande. Segundo Dencker (1998), a pesquisa qualitativa consiste na busca dos significados dos fenômenos. Qualquer que seja o paradigma que se está operando, a pesquisa qualitativa deve indicar o que se pretende investigar, como se planejou conduzir a investigação e porque o estudo é relevante. Ela pode ser desenvolvida em três situações; para preencher lacunas no conhecimento, para evitar inconsistências entre a teoria e a prática e inconstâncias no resultado de diferentes pesquisas.

### **3.2 Abrangência da pesquisa**

Para esta pesquisa optou-se pela aplicação de um formulário, elaborado com base em pesquisas bibliográficas, para análise da trilha do Baião Grande, localizada em Maracajaú.

De acordo com os resultados preliminares do Projeto Conservando o Meio Ambiente e Desenvolvendo o Turismo em Maracajaú, promovido pelo Departamento de Ciências Sociais e Humanas e Geologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o turismo em Maracajaú apresentou um elevado potencial para o desenvolvimento turístico através das trilhas terrestres. O projeto já identificou e catalogou três trilhas, e até o final deste ano pretende catalogar mais duas.

Dentre as trilhas já catalogadas a trilha do Baião Grande apresentou um grande potencial para o desenvolvimento do turismo e por isso se destacou entre as demais, gerando inclusive o desenvolvimento de um novo projeto; o Maracajaú Ecotrilhas, que foi posto em prática na realização da 62ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), obtendo uma excelente aprovação pela maioria de seus participantes. Diante disto, a trilha do Baião Grande

tornou-se a melhor escolha para fazer a análise, pretendida nesta pesquisa. Inicialmente pretendia-se catalogar e analisar todas as trilhas ecológicas que apresentassem um real potencial para o desenvolvimento do turismo na comunidade, no entanto, em virtude do pouco tempo para a elaboração e dos recursos orçamentários, optou-se por escolher apenas uma trilha.

O interesse de estudar as trilhas ecológicas em Maracajaú surgiu devido à necessidade de se diversificar a oferta turística na comunidade e de proporcionar assim a possibilidade de inserir mais pessoas no sistema de turismo local, visto que na comunidade o turismo se concentra apenas no mar, através do mergulho nos recifes e corais.

### **3.3 Instrumento de Coleta de Dados**

O instrumento utilizado para a coleta de dados desta pesquisa foi um formulário de verificação, elaborado com o objetivo de fazer o levantamento e a identificação da trilha ecológica do Baião Grande, de forma a poder caracterizá-la e avaliar o seu potencial de atratividade como produto turístico comunitário e assim apresentar dados para que seja possível organizar uma trilha que permita aos moradores da comunidade realizar a atividade turística de forma sustentável. Este foi dividido em cinco partes: cabeçalho, identificação, característica da trilha, hierarquização de atrativos e indicadores de atratividade (Apêndice A).

Este formulário foi elaborado com base em obras consultadas dos autores, Dout (2006); Andrade (2003); Ruschmann (1997) e utilizou como modelo para sua elaboração a tabela de avaliação e hierarquização de atrativos turísticos do Ministério do Turismo (2007) e a ficha de campo com indicadores de atratividade, de Magro e Feixêdas (1998).

### **3.4 Análise dos Dados**

O formulário de verificação, aplicado na trilha do Baião Grande, foi analisado através da metodologia de hierarquização de atrativos turísticos, criada pelo Ministério do Turismo, que adaptou essa metodologia da Organização Mundial do Turismo (OMT, s.d) e do Centro Interamericano de Capacitação Turística (CICATUR, s.d), que divide os atrativos em hierarquias, de acordo com o seu potencial de atratividade e também por meio do método de indicadores de

atratividade de pontos interpretativos (IAPI), que visa facilitar a seleção de pontos com mesmo tema em trilhas interpretativas (MAGRO; FREIXÊDAS, 1998).

A metodologia de hierarquização de atrativos tem como objetivo auxiliar na avaliação da importância dos atrativos turísticos. Com este instrumento são estabelecidas prioridades para determinar a escolha e as decisões dos governantes, administradores, gestores e empreendedores. Primeiro ela avalia o potencial de atratividade do elemento conforme as suas características e peculiaridades e o interesse que pode despertar nos turistas. O quadro 4 estabelece uma ordem quantitativa para o desenvolvimento desse potencial para o turismo e também atribui um valor quantitativo às suas características (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2007).

HIERARQUIA	CARACTERÍSTICAS
3 (alto)	É todo atrativo turístico excepcional e de grande interesse, com significação para o mercado turístico internacional, capaz de, por si só, motivar importantes correntes de visitantes, atuais e potenciais.
2 (médio)	Atrativos com aspectos excepcionais em um país, capazes de motivar uma corrente atual ou potencial de visitantes deste país ou estrangeiros, em conjunto com outros atrativos próximos a este.
1 (baixo)	Atrativos com algum aspecto expressivo, capazes de interessar visitantes oriundos de lugares no próprio país, que tenham chegado à área por outras motivações turísticas, ou capazes de motivar fluxos turísticos regionais e locais (atuais e potenciais).
0 (nenhum)	Atrativos sem méritos suficientes, mas que são parte do patrimônio turístico como elementos que podem complementar outros de maior hierarquia. Podem motivar correntes turísticas locais, em particular a demanda de recreação popular.

Quadro 4 – **Desenvolvimento do potencial de um atrativo turístico**. Fonte: BRASIL, Ministério do Turismo. *Programa de Regionalização do Turismo: Roteiros do Brasil – Roteirização Turística*. Brasília, 2007

Esta metodologia também avalia os aspectos que auxiliarão na definição dessa hierarquia. De acordo com o Ministério do Turismo (2007), esse critério permite classificar cada atrativo de acordo com uma escala preestabelecida. Essa metodologia fornece subsídios para a diferenciação objetiva das características e dos graus de importância de cada atrativo. São eles:

- **Grau de uso atual do atrativo:** Analisa o fluxo turístico efetivo e sua importância para o município.

- **Representatividade:** Avalia a raridade do atrativo.
- **Apoio local e comunitário:** Avalia o interesse da comunidade.
- **Estado de conservação da paisagem circundante:** Verifica a conservação da paisagem local.
- **Infraestrutura:** Verifica a existência de infraestrutura disponível no atrativo.
- **Acesso:** Verifica as vias de acesso existente no atrativo.

A avaliação e hierarquização de atrativos turísticos é o processo que permite, a partir de critérios técnicos, identificar as qualidades e valores específicos de cada atrativo, bem como a natureza e os elementos que exercem ou podem influenciar no aproveitamento turístico de cada um. O quadro 5 apresenta os critérios preestabelecidos pelo Ministério do Turismo (2007) para a hierarquização dos atrativos turísticos.

CRITÉRIO		VALORES			
		0	1	2	3
Potencial de atratividade (a)		Nenhum	Baixo	Médio	Alto
Hierarquia	Grau de uso atual (b)	Fluxo turístico insignificante	Pequeno fluxo	Média intensidade e fluxo	Grande fluxo
	Representatividade (c)	Nenhuma	Elemento bastante comum	Pequeno grupo de elementos similares	Elemento singular, raro
	Apoio local e comunitário (d)	Nenhum	Apoiado por uma pequena parte da comunidade	Apoio razoável	Apoiado por grande parte da comunidade
	Estado de conservação da paisagem circundante (e)	Estado de conservação péssimo	Estado de conservação regular	Bom estado de conservação	Ótimo estado de conservação
	Infraestrutura (f)	Inexistente	Existente porém em estado precário	Existente, mas necessitando de intervenções/melhorias.	Existente em ótimas condições
	Acesso (g)	Inexistente	Em estado precário	Existente, mas necessitando de intervenções/melhorias	Em ótimas condições

Quadro 5 - **Critérios para hierarquização de atrativos.** Fonte: BRASIL, Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo: Roteiros do Brasil – Roteirização Turística. Brasília, 2007.

Já o método indicadores de atratividade de pontos interpretativo (IAPI), prevê em sua metodologia o uso de indicadores que refletem a atratividade do sítio (ponto ou local na trilha). Este método objetiva agregar ao potencial interpretativo de cada sítio selecionado, um valor qualitativo para aumentar a atratividade do local. Inicialmente consiste em selecionar nas trilhas ecológicas “indicadores de atratividade”.

Segundo Magro e Freixêdas (1998), a atratividade turística do sítio relaciona-se de forma geral, com fatores naturais como variedades de vegetação, proximidade com corpos d’água, relevo, áreas históricas ou arqueológicas, observação de animais entre outros. A atratividade também pode ser a combinação de dois ou mais fatores como água e relevo (uma cachoeira ou um cânion).

Primeiro é necessário escolher todos os indicadores que serão avaliados na trilha (Tabela 2), então elabora-se uma ficha de campo, (Apêndice A – item V ) na qual são atribuídos pesos (valores) para os indicadores, com base na importância do elemento em questão para a qualidade da experiência do visitante na área.

Na ficha de campo busca-se relacionar a presença ou ausência destes indicadores em cada um dos sítios atrativos, escolhidos nas trilhas, com o uso de símbolos que identifiquem a intensidade desses indicadores no local (x = presente; xx = grande quantidade; xxx = predominância).

Ainda de acordo com Magro e Freixêdas (1998), a intensidade anotada para cada indicador é transformada em número (x = 1; xx = 2; xxx = 3), que devem ser multiplicados pelo seu respectivo peso. Os “pesos” atribuídos a cada indicador tem por base a importância do elemento em questão para a qualidade da experiência do visitante na área. A soma dos valores dos indicadores de um sítio permite chegar a uma pontuação final que dará um valor de atratividade individual para cada sítio na trilha.

INDICADOR	CARACTERÍSTICA
Linha Vertical e Horizontal	Predominância de elementos dispostos em padrão vertical ( troncos de árvores) ou horizontal (raízes de plantas)
Posição	Visualização do horizonte em relação à posição do observador a) Em nível b) Inferior c) Superior
Escala e distância do observador	<b>1º Plano:</b> os elementos predominantes analisados encontram-se próximos ao observador, obtendo um maior detalhamento. <b>2º Plano:</b> escala e distancias intermediária, podendo-se observar o ambiente com menos detalhes que no 1º plano. <b>3º Plano:</b> predominam vistas panorâmicas e espaços abertos. Não há detalhamento dos recursos observados, mas se configura com grande beleza cênica.
	Visual: cursos d’ água são visualizados a partir do ponto.

*Continua na próxima página*

Água	Som: apenas o som da água é perceptível Banho: possibilidade de banho no sitio (ponto)
Lagoas	Permanentes ou intermitentes
Vegetação	Predominância no sitio (ponto)
Flores	Predominância de flores no sitio (ponto).
Animais	Predominância de animais no ponto
Sombra	Predominância de sombra no sitio (ponto) para descanso e abrigo do sol

Tabela 2 - **Indicadores para avaliação de atratividade de pontos na trilha do Baião Grande.**  
Fonte adaptado de Magro e Freixêdas, 1998, p. 6

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 Área de estudo

#### 4.1.1 Município de Maxaranguapé

O município de Maxaranguapé foi criado pela Lei nº 2.329, sancionada pelo então Governador do Estado Dinarte de Medeiros Mariz, no dia 17 de dezembro de 1958. (MORAIS, 2007).

Localizado no litoral norte do Estado do Rio Grande do Norte, encontra-se a 54 km<sup>2</sup> de distância da capital, apresentando uma área territorial de 131,1 km<sup>2</sup> de extensão, no qual vivem 9.506 pessoas, sendo 3.525 na zona urbana e 5.981 no setor rural. O município limita-se com Rio do Fogo, Ceará Mirim, Pureza, e o Oceano Atlântico (MORAIS, 2007).

Os principais recursos econômicos do município são a banana (6.630t), o pescado (860.3t), a mandioca (910t) e o coco-da-baía (620t), há ainda a criação de bovinos. E os pontos turísticos são: o Cabo de São Roque, a Árvore do Amor e o parracho de Maracajaú (SILVA, 2009 apud IDEMA, 2003).

O município apresenta um índice de desenvolvimento humano municipal igual a 0,608, e uma densidade demográfica de 79,51 há/ km<sup>2</sup> (IDEMA, 2008). O clima de Maxaranguapé é chuvoso com verão seco e estação chuvosa, entre os meses de março a agosto e apresenta uma temperatura que tende a variar, no máximo 30° C e mínimo 21° C. (IDEMA, 2008).

Com relação à infraestrutura existente no município, pode-se citar: 01 Agência dos Correios, 01 Agência Bancária, 02 Jornais em circulação, 04 Pousadas, além de 70 empresas com CNPJ atuantes no comércio varejista. Na área de saúde o município dispõe de 01 Hospital, 01 Centro de Saúde, 03 Postos de Saúde e 25 leitos. Na área educacional, o município possui 21 estabelecimentos de ensino, sendo 09 de ensino pré-escolar, 11 de ensino fundamental e 01 de ensino médio. (IDEMA, 2008).

#### 4.1.2 Comunidade de Maracajaú

Maracajaú é uma comunidade tradicional de pescadores, localizada no município de Maxaranguape. Seu litoral tem forma de enseada e limita-se ao sul com a praia de Caraúbas, também pertencente a Maxaranguape, ao norte com a

praia de Pititinga, no município de Rio do fogo, a oeste com dunas e lagoas e a leste com o Oceano Atlântico.

A comunidade possui aproximadamente 1.500 habitantes, entre homens e mulheres. A maioria da população residente é nativa de Maracajaú (84%) e apenas 16% vieram de outros lugares como, Ceará Mirim e da sede do município de Maxaranguape. Quanto ao grau de escolaridade, 42% dos moradores ainda não concluíram o ensino fundamental e 18% são analfabetos (UEHARA, 2003).

Assim como a maior parte do litoral do Estado do Rio Grande do Norte, a temperatura média em Maracajaú é de 25° C, com uma pequena elevação nos meses de dezembro a março. (IDEMA 2000). Na região o clima apresenta duas estações visivelmente marcadas: a seca que ocorre entre setembro e março e o período chuvoso de abril a agosto.

Na comunidade não há saneamento básico e a maioria das residências lança o esgoto doméstico e o lixo nas ruas e na praia.

As principais atividades econômicas de Maracajaú são a pesca com 37% da comunidade inserida e o turismo que representa 27% da população economicamente ativa empregada, seguida pelo comércio com 12% (UEHARA, 2003).

No que se refere ao turismo, a comunidade já desenvolve os passeios nos parrachos de Maracajaú, que pertence à área de proteção ambiental dos recifes de corais – APARC. “Esta foi criada para proteger a biodiversidade e a vida marinha presentes na área com ocorrência de corais e seus imediações, controlar as práticas de ecoturismo e desenvolver uma consciência ecológica na comunidade” (SILVA, 2009).

## **4.2 Caracterização da Trilha do Baião Grande**

Por meio da aplicação do formulário de verificação (Apêndice A), foi possível caracterizar a trilha do Baião Grande (Tabela 3). Localizada na comunidade de Maracajaú, na região de dunas. Essa trata-se de uma trilha linear, que de acordo com Andrade (2003), é uma trilha que apresenta formato simples e comum, que geralmente tem como objetivo conectar o caminho principal a algum destino como lagoas, lagos, árvores frutíferas, etc. E como desvantagem apresenta o caminho de volta igual ao de ida e a possibilidade de cruzar com outros visitantes.

A trilha exibe uma extensão de aproximadamente 4km, com duração em média de 2h ida e volta.

Seus principais atrativos naturais são a Lagoa do Baião Grande (Foto1), as lagoas interdunares (Foto 2), que se formam no período chuvoso de abril a agosto e a vegetação de restinga e arbustiva, com pequenas flores de cores variadas, coqueiro, pássaros, borboletas e burros.



Foto 1 – Lagoa do Baião Grande.  
Fonte: Barbara Oliveira, 2011.



Foto 2 – Lagoa Temporária.  
Fonte: Barbara Oliveira, 2011.

Seu início dá-se em uma área de dunas fixas e móveis. Após essa faixa vem a de interdunas, caracterizada por ser plana e apresentar a formação de lagoas e riachos temporários. As duas áreas são cobertas pela vegetação de restinga, que apresenta porte de gramíneo a arbustivo, adaptadas ao stress hídrico e a alta luminosidade do ambiente de dunas. Animais (ou rastros deles) foram observados no local. Após passar pela região de dunas, chega-se à Lagoa do Baião, que tem aproximadamente 1.860m de comprimento por 360m de largura. A lagoa é margeada por vegetação nativa e dunas fixas ainda preservadas. Alguns fotos da trilha do Baião Grande estão expostas no anexo B.

A tabela 3 apresenta uma síntese das características da trilha, que foram coletadas por meio do formulário de verificação (Apêndice A). Abaixo, segue imagem por satélite da trilha do Baião Grande (Figura 5), com o traçado de seu percurso desenhado. Por meio da figura, é possível visualizar a sua forma linear e a localização de seu principal atrativo, a lagoa do Baião Grande.

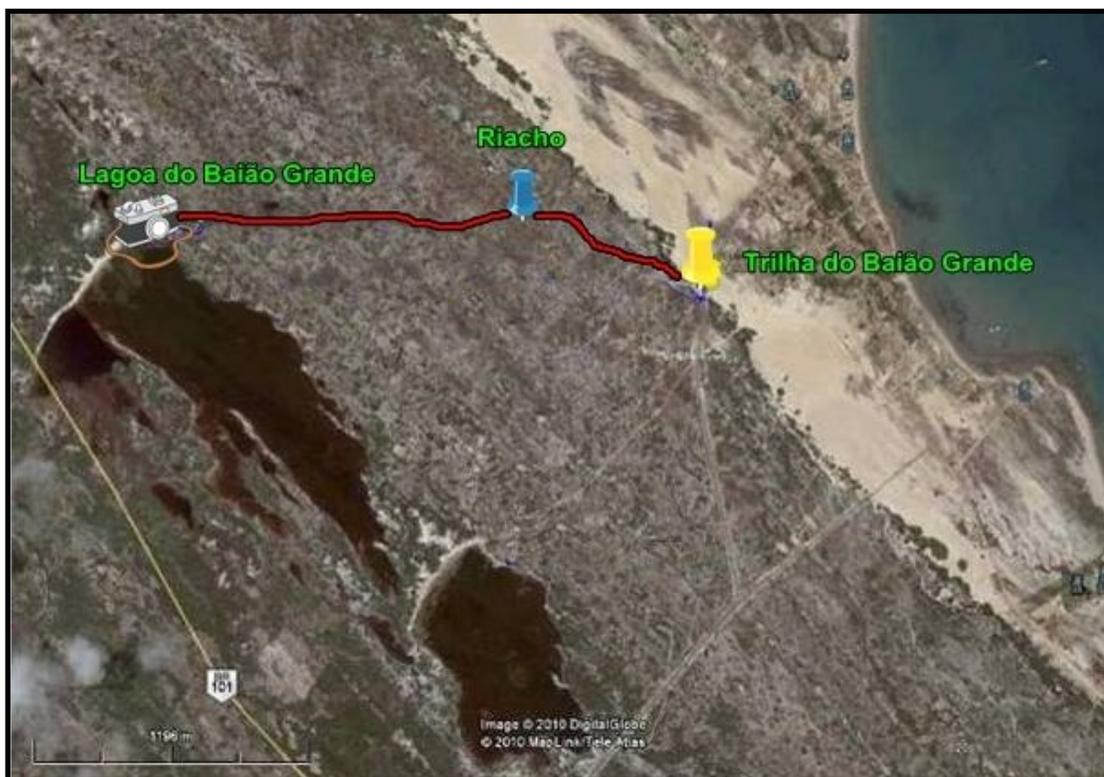


Figura 5 – Imagem por satélite da trilha do Baião Grande. Fonte: Google Earth

#### CARACTERIZAÇÃO DA TRILHA

<b>LOCALIZAÇÃO</b>	Região de Dunas da Comunidade de Maracajá.
<b>DURAÇÃO</b>	Aproximadamente 2 horas de caminhada
<b>FUNÇÃO</b>	Recreativa, Interpretativa e educativa.
<b>TIPO</b>	Guiada
<b>FORMA</b>	Linear
<b>DISTÂNCIA</b>	Longa
<b>GRAU DE DIFICULDADE</b>	Moderada
<b>PÚBLICO ALVO</b>	Jovens e adultos
<b>PERÍODO DE FUNCIONAMENTO</b>	Permanente
<b>INFRAESTRUTURA</b>	Não existe
<b>ATRATIVOS NATURAIS E ARTIFICIAIS</b>	Lagoa do Baião Grande, lagoas intermitentes, vegetação de reestinga, dunas, coqueiros, animais e paisagem atrativa.
<b>VEGETAÇÃO</b>	Reestinga ( que apresenta porte de gramíneo a arbustivo, adaptado ao stress hídrico e a alta luminosidade do ambiente dunar).
<b>SOLO</b>	Arenoso com composição de dunas.
<b>CONDIÇÕES DO LOCAL</b>	Paisagem atrativa, com vegetação de reestinga e arbustiva, com pequenas flores de cores variadas, lagoas intermitentes, apresentando lixo pelo percurso.
<b>FAUNA E FLORA</b>	Pássaros, borboletas, formigas, burros e carrapicho.
<b>OBSERVAÇÕES</b>	A paisagem se modifica de acordo com o período do ano, apresentando lagoas intermitentes, maior quantidade de carrapicho e os animais aparecem mais a noite.

Tabela 3 – Caracterização da trilha do Baião Grande. Fonte: pesquisa de campo 2011.

### 4.3 Avaliação do grau de atratividade da trilha do Baião Grande

A metodologia de hierarquização de atrativos turísticos avaliou o grau de atratividade da trilha do Baião Grande por meio de suas características, peculiaridades e interesse que pode despertar nos turistas.

A tabela 4 apresenta os valores que foram atribuídos a cada critério avaliado na trilha do Baião Grande, são eles: Potencial de atratividade; Grau de uso atual do atrativo; Representatividade; Apoio local e comunitário; Estado de conservação da paisagem circundante; Infraestrutura e; Acesso. É válido ressaltar que os itens, potencial de atratividade do elemento e representatividade recebem a pontuação em dobro, ou seja, tem peso dois, pois são considerados mais significativos em comparação com os demais itens avaliados.

Para o item potencial de atratividade foi atribuído a pontuação 2, que foi multiplicado pelo peso 2 totalizando 4 pontos, esta pontuação foi assim atribuída, visto que a trilha do Baião Grande ainda não é capaz de atrair sozinha uma grande demanda de visitantes, pois precisa de muitas melhorias e de divulgação. No entanto, até o momento aliada aos passeios nos recifes de corrais, esta é capaz de atrair um razoável fluxo de visitantes.

Com relação ao segundo item, o grau de atratividade, foi atribuído o valor 1, pois atualmente a trilha ainda atrai um pequeno fluxo de visitantes. No terceiro item, representatividade, o valor atribuído foi 2, sendo também multiplicado pelo peso 2, totalizou 4 pontos, em virtude da trilha apresentar um pequeno grupo de elementos similares a outras trilhas ecológicas, dessa forma não podendo ser classificada como um atrativo excepcional e único.

No quarto item, apoio local e comunitário, foi atribuído a nota 1, pois a utilização e desenvolvimento da trilha ainda é apoiado por uma pequena parte da comunidade e não possui investimento do poder público, o que desestimula a população interessada. No quinto item, foi atribuído a nota 2 para o estado de conservação da paisagem circundante, já que a paisagem esta em ótimo estado de conservação, porém não excelente, visto que ainda há muito lixo jogado na trilha.

Nos últimos itens, foram atribuídas nota 1 para infraestrutura, em virtude de a única infraestrutura existente na trilha ser o caminho aberto para percorrê-la, que no entanto, precisa de muitas modificações e no item acesso, a nota 2, já que o

acesso até a entrada da trilha se encontra em um bom estado de conservação, porém podendo ser melhorado.

Por fim, somam-se os pontos obtidos e define-se o *ranking* de atrativos. Quanto maior o número de pontos de determinado atrativo, maior sua importância e necessidade de ser incluído nos roteiros elaborados. Totalizando a contagem de todos os itens da tabela 4, a trilha do Baião Grande recebeu uma pontuação igual a 15.

#### HIERARQUIZAÇÃO DE ATRATIVOS TURÍSTICOS

ATRATIVO	POTENCIAL DE ATRATIVIDADE X 2	GRAU DE USO	REPRESENTATIVIDADE X 2	APOIO LOCAL E COMUNITÁRIO	ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA PAISAGEM CIRCUNDANTE	INFRAESTRUTURA	ACESSO	TOTAL
TRILHA DO BAIÃO GRANDE	2x2= 4	1	2x2=4	1	2	1	2	15

Tabela 4 – Hierarquização de trilha do Baião Grande. Fonte: pesquisa de campo 2011.

Em todos os itens analisados, os valores atribuídos à trilha, variaram entre médio e baixo. No entanto, como esta pesquisa, só avaliou um único atrativo turístico, a trilha do Baião Grande, não é possível se fazer uma comparação com os demais atrativos turísticos existentes em Maracajaú e dessa forma classificar a trilha em um *ranking* de prioridades.

Dessa forma apenas utilizei os aspectos já pré-estabelecidos pelo ministério do turismo para analisar a trilha, que apresentou um potencial de atratividade médio, que de acordo com a metodologia trata-se de um “atrativo com aspecto excepcional em um país, capaz de motivar uma corrente atual ou potencial de visitantes nacionais e internacionais, em conjunto com outros atrativos próximos”. com relação ao grau de uso, a trilha apresentou um pequeno fluxo de visitantes, visto que não é muito conhecida e ainda não foi estruturada. Com relação a representatividade apresentou um pequeno grupo de elementos similares, visto que

as trilhas ecológicas em áreas de dunas apresentam algumas características semelhantes, como solo e vegetação. A paisagem encontra-se em um bom estado de conservação, porém no decorrer da trilha ainda é encontrado um pouco de lixo, que é deixado pelos próprios moradores da comunidade. A única infraestrutura existente é o caminho aberto para se fazer o percurso da trilha. Já o acesso, foi classificado como existente, mas necessitando de melhorias, o acesso à entrada da trilha não possui nenhuma sinalização.

Com relação à metodologia, indicadores de atratividade de pontos interpretativos – IAPI, proposto por Magro e Freixêdas (1998), foi possível avaliar o potencial de atratividade da trilha do Baião Grande, por meio da análise de pontos interpretativos encontrados na trilha.

Conforme o item V do formulário de verificação - indicadores de atratividade (apêndice A) os pontos foram numerados de 1 a 9. Estes representam os pontos escolhidos no decorrer da trilha do baião grande, para análise de sua atratividade. Os pontos foram selecionados por apresentarem alguns fatores naturais, como variedade de vegetação, proximidade com água, diferentes tipos de flores, sombra, som dos animais entre outros. Esta escolha fundamentou-se na facilidade da identificação destes pontos e na beleza natural apresentada em cada um deles. Com relação aos indicadores de atratividade, a escolha teve como base conhecimento prévio sobre algumas características da trilha do baião grande.

Nos indicadores ao qual foram atribuídos maior peso, como água, vegetação, flores e sombra, pode-se fazer a seguinte análise:

#### **a) Presença de água**

A presença de água nos sítios turísticos se caracteriza como um atrativo natural muito importante para visitação turística, pois a água torna o ambiente mais agradável, relaxante, possibilita atividades recreativas e serve como meio de avaliar o calor e matar a sede durante as caminhadas.

#### **b) Vegetação**

A composição da vegetação que faz parte de uma trilha se caracteriza como elemento fundamental para sua atratividade. Pois representa o grau de conservação e contemplação do ambiente, o que torna interessante para a

visitação. Sua atratividade está associada à exuberância, diversidade e a presença de flores, sendo a última bastante destacada.

### c) Flores

A presença de flores em trilhas representa um atrativo turístico muito valorizado pelos turistas, pois deixa esteticamente a paisagem mais bela e interessante.

### d) Sombra

Locais de uma trilha com sombra são muito importantes para que o visitante tenha um melhor proveito dos recursos turísticos que a caminhada pode oferecer. As copas das árvores produzem durante a trilha, locais de sombra, proporcionando bons pontos de parada para lanches, apreciação da paisagem e descanso.

Após completar o formulário de campo, com os pesos, os valores e os pontos escolhidos, chegou-se a pontuação final. Os pontos de destaque e selecionados são aqueles que obtiveram as maiores pontuações. Já os de menores pontuações foram excluídos. O parâmetro utilizado foi o valor igual a 15. Teoricamente, pontuações inferiores a este valor foram excluídas, e as superiores selecionadas.

Na área analisada, o método IAPI possibilitou a escolha de 5 dos 9 pontos interpretativos potenciais existentes, distribuídos em 4km de trilha. Os pontos P1, P4, P6, P8 e P9 foram selecionados como pontos com grande potencial de atratividade, pois apresentaram uma pontuação mais elevada em relação aos demais, conforme pode ser visto na Tabela 5. As pontuações finais são:

PONTOS	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO
P1	VEGETAÇÃO NA ENTRADA DA TRILHA DO BAIÃO GRANDE	$1+2+3+2+2+4+1 = 15$
P2	LAGOA TEMPORÁRIA	$1+1+2+2+2+4+1 = 13$
P3	ÁRVORE FIGUEIRA – METADE DO PERCURSO DA TRILHA	$1+1+2+4+3+1+2 = 14$
P4	BAR MOLHADO	$1+1+2+2+3+4+1+4 = 18$
P5	ÁRVORE GALHOS SECOS	$1+1+2+6+3+1 = 14$
P6	FLORES CARNÍVORAS	$1+1+2+4+9+1 = 18$
P7	COQUEIROS	$1+1+2+6+3+1 = 14$
P8	ÁRVORE DA LAGOA DO BAIÃO GRANDE	$1+1+2+2+1+3+3+6+1+4 = 24$
P9	LAGOA DO BAIÃO GRANDE	$1+1+2+6+3+9+3+6+1 = 32$

Tabela 5 – Pontuação dos indicadores de atratividade. Fonte: dados da pesquisa 2011.

O gráfico 1 mostra o resultado final da seleção de pontos interpretativos da trilha do Baião Grande. Este representa os pontos selecionados com maior pontuação. Estes pontos foram considerados os de maior atratividade e por isso receberam uma pontuação mais elevada, como pode ser visto na tabela 6. No gráfico é possível perceber os diferentes picos de atratividades, em seus respectivos pontos de interpretação.

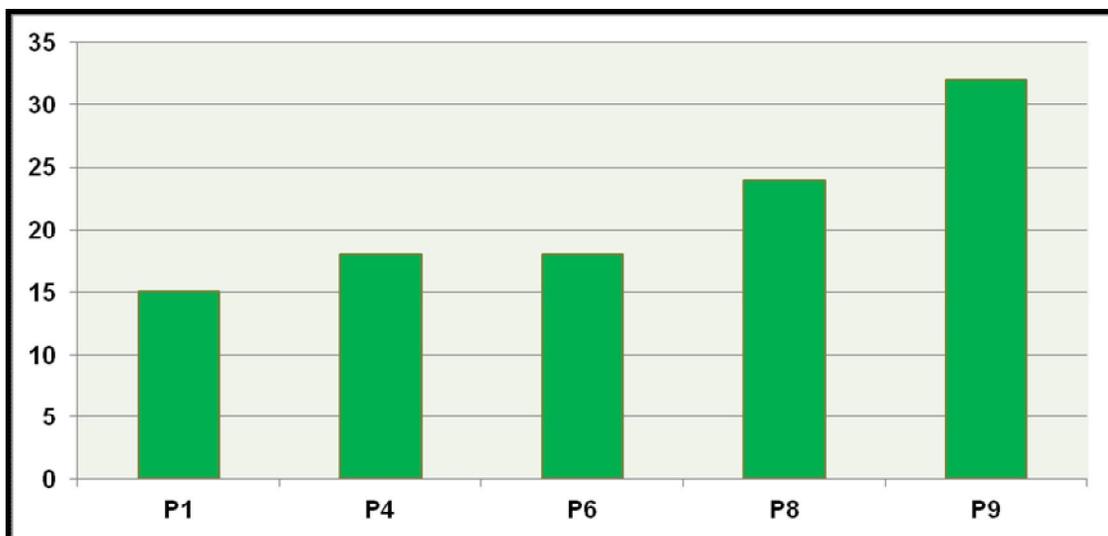


Gráfico 1 - Valores Finais de Atratividade. Fonte: dados da pesquisa, 2011.

O método IAPI indicou uma trilha dinâmica apresentando diferentes picos de atratividade que estimulam a atenção do turista incentivando-o a apreciar a área como todo.

#### 4.4 Possíveis usos da Trilha do Baião Grande

As trilhas são formadas por um conjunto de caminhos e percursos construídos com diversas funções, desde a vigilância até o turismo. A trilha do Baião Grande apresentou características para ser estruturada e utilizada como uma trilha; interpretativa, educativa, recreativa e de travessia. Por apresentar muitos elementos naturais, como lagoa, vegetação, plantas, flores e animais, a trilha possui um grande potencial para ser usada como uma trilha interpretativa, voltada para a educação ambiental e também recreativa.

A trilha interpretativa pode ser entendida, como um ambiente propício ao lazer educativo, no qual o aprendizado se torna parte de uma experiência viva, que permite ao turista a oportunidade de compreender e interpretar o ambiente. Essa

não é apenas um espaço geográfico traçado para a mobilidade física e para contemplação em áreas naturais. À medida que os aspectos externos e internos da paisagem são descobertos pelo turista, a trilha interpretativa se torna um ambiente que favorece as sensações, as emoções e as percepções, criando novas oportunidades do reencontro com a relação homem-natureza de forma mais responsável e sustentável.

A trilha do Baião Grande apresenta uma combinação de fatores recreacionais e educativos, podendo proporcionar uma experiência única para o visitante. Enquanto trilha interpretativa, essa pode ser visitada por turistas em busca de contato com a natureza, que querem fugir do estresse da cidade grande e também por escolas, tornando-se uma extensão da sala de aula, no qual os alunos terão a oportunidade de vivenciar o conhecimento. As trilhas podem ser realizadas com a presença de guias (trilha guiada), ou então com outros recursos interpretativos (trilhas auto guiadas), como placas, painéis e folhetos, no entanto no caso da trilha do Baião grande é interessante que seja guiada, pois ela é muito extensa, o que pode facilmente fazer com que o visitante se perca.

A trilha também pode ser voltada principalmente para o lazer do visitante. Podendo ser incrementada com outras formas de passeio, além da caminhada a pé. O turista poderia fazer a trilha de carroça ou a cavalo e assim chegar mais rápido até a Lagoa do Baião Grande, principal atrativo turístico do percurso.

E por fim, o último uso que pode ser atribuído à trilha do Baião Grande, é a travessia. O terreno no qual esta inserida as trilhas ecológicas pode ser utilizado pela população, para cortar caminho e se deslocar mais rapidamente dentro da própria comunidade, seja a trabalho ou lazer.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida, bem como os resultados obtidos, permitiram alcançar os objetivos inicialmente definidos, norteadores do desenvolvimento do presente trabalho. Este teve por objetivo analisar o potencial de atratividade da trilha ecológica do Baião Grande, em Maracajaú/RN.

A pesquisa de campo permitiu conhecer e identificar as principais características da trilha do Baião Grande, que se apresentou como uma trilha linear de longa distância, com grau de dificuldade moderado, visto que apresenta algumas subidas e descidas muito íngremes, por ser uma longa caminhada e por ter um solo arenoso exige mais força para se deslocar, caracterizando dessa forma, como seu público alvo, preferencialmente jovens e adultos.

As metodologias utilizadas para analisar a atratividade da trilha, contribuíram para se fazer a interpretação ambiental da área de estudo, facilitando a escolha de seus pontos interpretativos de forma mais objetiva e também para identificar os elementos que podem influenciar no aproveitamento turístico.

A trilha do Baião Grande demonstrou ser um importante atrativo natural para a comunidade de Maracajaú. Esta apresentou um grande potencial para se tornar uma trilha com função recreativa, interpretativa e educativa, em virtude de suas peculiaridades e características, representadas por uma fauna e flora variada.

No decorrer deste trabalho, foi possível comprovar que a trilha do Baião Grande tem um grande potencial de atratividade, no entanto antes de se tornar um atrativo conhecido e procurado, da comunidade de Maracajaú, é necessário a sua estruturação, de forma a proporcionar mais conforto aos turistas que venham a visitá-la e a preservar o meio ambiente. Planejar a trilha é o primeiro passo para torná-la mais atrativa e poder conservar o ambiente de modo a minimizar os possíveis impactos que a atividade pode provocar.

Inicialmente seria preciso traçar um único caminho para realizar a trilha, visto que existem muitos caminhos abertos que permitem chegar até a lagoa do Baião Grande, porém nem todos valorizam as belezas naturais e os atrativos do caminho até a chegada do atrativo principal, que é a lagoa. Dessa forma deve-se traçar o melhor caminho até a lagoa do Baião Grande, de forma a passar por todas os atrativos existentes nos arredores da trilha; como plantas frutíferas, árvores, flores e o bar molhado. Seria interessante também a colocação de bancos para garantir

uma maior segurança e conforto do turista e de placas indicativas e informativas no decorrer da trilha, para evitar que alguém se perca, para facilitar a explicação do guia e para tornar a trilha mais organizada e atrativa.

Para que a Trilha do Baião Grande se torne realmente um grande atrativo para a comunidade de Maracajaú, gerando renda, de acordo com os princípios do turismo comunitário, na qual a própria comunidade possa determinar as diretrizes que devem ser tomadas na utilização das trilhas é preciso o apoio dos gestores locais para auxiliar a comunidade no correto planejamento e manejo da trilha, na propaganda e *marketing* do atrativo e na elaboração de roteiros. Sem apoio, e interesse dos próprios moradores da comunidade, a trilha do Baião Grande, será apenas uma oportunidade de desenvolvimento do turismo na região, não viabilizada.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo: Atlas, 1993.

ANDRADE, Waldir Joel de. Implantação e manejo de trilhas. In: MITRAUD, Sylvia (Org.). **Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramenta para um planejamento responsável**. Brasília: WWF Brasil, 2003. p. 247 – 260.

BARBOSA, Alberto Josefá. **Reflexões sobre o conceito de produto turístico e sua gestão integrada**; desafios para o produto turístico de Santo Antônio. IN: disponível em; <<http://www.eumed.net/rev/curydes/06/ajb.htm>>. Acesso em: 27 jun. 2011.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2002.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de regionalização do turismo: Roteirização Turística ( módulo operacional 7)**. Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

CALADO, Janaína Freitas. **Pesca artesanal em Maracajaú – RN, Brasil: uma abordagem etnoecológica**. João Pessoa: UFP, 2010. 80 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

CARDOZO, Poliana Fabiola. Considerações Preliminares sobre produto turístico étnico. **Revista de Turismo e Patrimônio Cultural**. Amapá, n. 2, 2006. Disponível em <<http://www.pasosonline.org/Publicados/4206/PS020206.pdf>>. Acesso em 03 maio 2012.

CARVALHO, Kelly; RICCI, Alexandra. **A importância do turismo no Brasil e no mundo**. Conselho de Turismo e Negócios da Fecomercio. Junho 2011. Disponível em <<http://www.fecomercio.com.br/arquivos/arquivo/economico/aimportncia doturismomonbrasilenomundofa35e192.pdf>>. Acesso em 03 maio 2012.

CÁS, Danilo da. **Manual teórico-prático para a elaboração metodológica de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Jubela livros, 2008.

DEGRANDI, Simone Marafiga; FIGUEIRÓ, Adriano Severo. **Ecoturismo e conservação do patrimônio natural: Um Caminho Para o Desenvolvimento**. **Revista Geografia: Ensino & Pesquisa**, Santa Maria v. 14, n. 1, 2010. Disponível em <<http://cascavel.ufsm.br/revistageografia/index.php/revista geografia/article/viewFile/173/111>>. Acesso em 30 abr 2011.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1988.

DIAS, Reinaldo. **Turismo sustentável e meio ambiente**. São Paulo: Atlas, 2008.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do turismo**: política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2008.

DOUT, Vivian Castilho. **Proposta de manejo e planejamento ambiental de trilhas ecoturísticas**: um estudo no maciço da Pedra Grande – município do Rio de Janeiro (RJ). Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em geografia. UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

ECOL NEWS. **Dicionário ambiental**: meio ambiente. Disponível em: <<http://www.ecolnews.com.br/dicionarioambiental/>>. Acesso em 21 abr. 2011.

FERRETTI, Eliane Regina. **Turismo e meio ambiente**: uma abordagem integrada. São Paulo: Roca, 2002.

GONÇALVES, Ilania. **Turismo e meio ambiente**: impactos ambientais e sustentabilidade. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/20115/1/turismo-e-meio-ambiente-impactos-ambientais-e--sustentabilidade/pagina1.html#ixzz1MYufrk9D>>. Acesso em 20 abr. 2011.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE (IDEMA). Perfil do município de Maxaranguapé, 2008. Disponível em: <[http://www.idema.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/idema/socio\\_economicos/enviados/perfil\\_municipio.asp](http://www.idema.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/idema/socio_economicos/enviados/perfil_municipio.asp)>. Acesso em 01 maio 2012.

LEMOS, Amália Inês Geraiges de. **Turismo**: impactos socioambientais. São Paulo: Hucitec, 1996.

MAGRO, Tereza Cristina; FREIXÊDAS, Valeria. Trilhas: como facilitar a seleção de pontos interpretativos. **Revista Circular Técnica IPEF**, nº 186, set 1998. Disponível em: <<http://www.infotrilhas.com/Downloads/trilha.pdf>>. Acesso em 14 abr 2012.

MENDONÇA, Tereza Cristina de Miranda; IRVING, Marta Azevedo. Caderno Virtual de Turismo (IVT). **Turismo de base comunitária**: a participação como prática no desenvolvimento de projetos turísticos no Brasil – Prainha do Canto Verde (CE). v. 4, nº 4, 2004. Disponível em: <[http://www.sescsp.org.br/sesc/download/base\\_comunitaria.pdf](http://www.sescsp.org.br/sesc/download/base_comunitaria.pdf)>. Acesso em 14 abr 2011.

MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. **Ecoturismo no Brasil**. São Paulo: Manole, 2005.

MORAIS, Marcos César Cavalcanti de. **Terras Potiguares**. 3 ed. Natal: Editora Foco, 2007, p. 128.

MORAES, Walquiria de Jesus. **O turismo comunitário**. Disponível em: <<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?idconteudo=7615>>. Acesso em 5 maio 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

JORNAL DE TURISMO. **Turismo mundial cresceu 6,7%**. Disponível em: <<http://www.jornaldeturismo.com>. >. Acesso em 21 abr. 2011.

OLIVEIRA, Antônio Pereira. **Turismo e Desenvolvimento: planejamento e organização**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Organização Mundial do Turismo. **Turismo Internacional: uma perspectiva global**. 2.ed. Porto Alegre;Bookmann, 2003.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

SANTA, Rita Barbosa; YAMAOKA, Jorge Gomes. **Turismo de base comunitária**. Cananéia, São Paulo. Atlas, 2004.

SANTOS, Vanessa Ramos dos. **Levantamento e avaliação do potencial e dos atrativos turísticos da margem esquerda do reservatório de porto primavera, nos municípios de Rosana,Teodoro Sampaio e presidente Epitácio, apoiada em ferramentas de geoprocessamento**. 2008. 138 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Turismo) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008. Disponível em:<<http://biblioteca.rosana.unesp.br/upload/Vanessa.pdf>>. Acesso em 20 de fev. 2011.

SILVA, Clébia Bezerra da. **Análise da atividade turística desenvolvida na área de proteção ambiental dos recifes de corais – RN**. Natal:UFRN, 2009.119 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

SOARES, Joélcio Gonçalves; CARDOZO, Poliana Fabíula. REVISTA VIRTUAL PARTES. **Uma reflexão acerca da avaliação de potencial turístico: sua relevância para o planejamento do turismo, e a carência destes estudos no âmbito público municipal**. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/turismo/poliana/potencialturistico.asp>>. Acesso em 30 de mar. 2011.

UEHARA, Mariane Saori. **Estudo Socioambiental de Maracajá - RN: Uma Vila de Pescadores**. 2003. 109 f. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Ecologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São Paulo. 2003. Disponível em: <<http://www.unesp.br>>. Acesso em 20 maio 2012.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE VERIFICAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE TURISMO  
CURSO DE TURISMO  
APOIO PROEX E LEGEO

TITULO: **Caracterização e Análise do Grau de Atratividade da Trilha Ecológica do Baião Grande na Comunidade de Maracajá/RN**

I – CABEÇALHO			
1.1 REGIÃO TURÍSTICA	Comunidade de Maracajá	1.2 UF	RN
1.3 MUNICÍPIO	Maxaranguapé		
1.4 TIPO DE ATRATIVO	Atrativo Natural		
1.5 PROPOSITO	Oferecer passeios turísticos		
II – IDENTIFICAÇÃO			
2.1 NOME	Trilha do Baião Grande		
2.2 LOCALIZAÇÃO	Região de Dunas da Comunidade de Maracajá		
2.3 PONTOS DE REFERÊNCIA:	Ecoposto da APARC, Dunas, Comunidade		
III - CARACTERÍSTICAS DA TRILHA			
3.1 DURAÇÃO	2 horas aproximadamente		
3.2 FUNÇÃO			
( ) ADMINISTRATIVA			
(x) RECREATIVA/ INTERPRETATIVA/ EDUCATIVA			
3.3 CONDIÇÃO			
(x) JÁ É VISITADA			
( ) AINDA NÃO É VISITADA			
3.4 TIPO			
(x) É OU SERÁ GUIADA			
( ) É OU SERÁ AUTO GUIADA			
3.5 FORMA			
( ) CIRCULAR			
( ) EM OITO			
(x) LINEAR			
( ) EM ATALHO			
3.6 DISTÂNCIA			
( ) CURTA			
( ) MEDIA			
(x) LONGA			
3.7 GRAU DE DIFICULDADE			
( ) FACIL			
(x) MODERADO			
( ) DIFICIL			
3.8 PÚBLICO- ALVO			
( ) CRIANÇAS			
(x) JOVENS E ADULTOS			
( ) IDOSOS			
( ) OUTROS (ESPECIFICAR)			
3.9 ATRATIVOS NATURAIS E ARTIFICIAIS			
(x) LAGOA (AS)	(x) DUNAS	( ) PAISAGEM ATRATIVA	
(x) VEGETAÇÃO DE REESTINGA	(x) COQUEIROS	( ) PLANTAS	

( ) CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS    (x) ANIMAIS    ( ) CONSTRUÇÕES DE APOIO

**3.10 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA VEGETAÇÃO**

Vegetação de reestinga, que apresenta porte de gramíneo a arbustivo, adaptadas ao stress hídrico e a alta luminosidade do ambiente dunar.

**3.11 CARACTERIZAÇÃO GERAL DO SOLO**

Solo arenoso, com composição de dunas e vegetação de reestinga.

**3.12 CARACTERIZAÇÃO VISUAL DE CONDIÇÕES DO LOCAL**

Local com paisagem agradável, com muito mato e vegetação de reestinga, apresentando árvores.

**3.13 LEVANTAMENTO DA FAUNA E FLORA**

Passaros, borboletas, formigas, burros, possui muito carrapicho.

**3.14 PERIODOS DE FUNCIONAMENTO**

(x) PERMANENTE  
 ( ) FINAIS DE SEMANA/FERIADOS  
 ( ) TEMPORÁRIO

**3.15 INFRAESTRUTURA**

Não existe. Apenas o caminho já aberto para realizar a trilha, porém necessitando de melhorias.

**3.16 OBSERVAÇÕES GERAIS**

Plantas identificadas: cajueiro bravo, cipó-brocha, coroa de frade, bromélia, monde, mangaba, guajiru, cabuim.  
 Animais: formigões, pássaros, guaxinim.

**IV – HIERARQUIZAÇÃO DE ATRATIVOS TURÍSTICOS**

Atrativo	Potencial De Atratividade X 2	Grau de Uso	Representatividade X2	Apoio Local e Comunitário	Estado de Conservação da Paisagem	Infraestrutura	Acesso	Total
<b>Trilha do Baião Grande</b>	2x2= 4	1	2x2=4	1	2	1	2	15

**OBSERVAÇÕES:** Hierarquia: 3 (alto) 2 (Médio) 1 (baixo) 0 (nenhum)

### V – INDICADORES DE ATRATIVIDADE

FICHA IAPI – RECURSOS NATURAIS E CULTURAIS | OBSERVAÇÃO: A escolha de indicadores de atratividade fundamenta-se na facilidade de sua identificação em campo e na possibilidade de repetição desta avaliação por um segundo observador.

Linha: V - Vertical H - Horizontal	Posição: N - Em Nível I - Inferior S - Superior	Escala: 1º - Plano 2º - Plano 3º - Plano	Água: V - Visual S - Som B - Banho
--	--	---	---

Observação: Os valores atribuídos a cada indicador têm por base a importância do elemento em questão para a qualidade da experiência do visitante na área.

X – Presente

XX – Grande Quantidade

XXX – Predominância

Nº	TEMA	LINHA		POSIÇÃO			ESCALA			AGUA			LAGOAS		VEGETAÇÃO (2)	FLORES (3)	ANIMAIS (1)	SOMBRA (2)	TOTAL
		V (1)	H (1)	N (1)	I (1)	S (2)	1º (2)	2º (1)	3º (3)	V (2)	S (1)	B (3)	P (3)	T (2)					
P1	<b>VEGETAÇÃO NA ENTRADA DA TRILHA DO BAIÃO GRANDE</b>		X			X			X	X				X	XX		X		15
P2	<b>LAGOA TEMPORÁRIA</b>		X	X			X			X				X	XX		X		13
P3	<b>ÁRVORE FIGUEIRA – METADE DO PERCURSO DA TRILHA</b>		X	X			X								XX	X	X	X	14
P4	<b>BAR MOLHADO</b>		X	X			X			X			X		XX		X	XX	18
P5	<b>ÁRVORE GALHOS SECOS</b>		X	X			X								XXX	X	X		14
P6	<b>FLORES CARNIVORAS</b>		X	X			X								XX	XXX	X		18
P7	<b>COQUEIROS</b>		X	X			X								XXX	X	X		14
P8	<b>ÁRVORE DA LAGOA DO BAIÃO GRANDE</b>	X		X			X			X	X	X	X		XXX		X	XX	24
P9	<b>LAGOA DO BAIÃO GRANDE</b>		X	X			X			X	X	X	X		XXX		X		32

Fonte: pesquisa de campo 2011.

# ANEXOS

## ANEXO A – ALGUMAS FOTOS DA TRILHA DO BAIÃO GRANDE



Foto: Rosa.  
Fonte: Bárbara Oliveira, 2011.



Foto: Árvore com sombra.  
Fonte: Bárbara Oliveira, 2011.



Foto: Flor carnívora.  
Fonte: Bárbara Oliveira, 2011.



Foto: Caminho para a trilha.  
Fonte: Bárbara Oliveira, 2011.



Foto: Entrada da trilha do Baião Grande.  
Fonte: Bárbara Oliveira, 2011.



Foto: Vegetação.  
Fonte: Bárbara Oliveira, 2011.